# Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



2.ª SÉRIE — N.º 16 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 24 DE FEVEREIRO DE 1941 — PREÇO 1$50

SONORO FILME



vai apresentar no SÃO LUIZ um filme que tem todas as probabilidades de ganhar o prémio da MELHOR REALIZAÇÃO DO ANO

Um filme de JOHN **FORD**

# TORMENTA A BORDO



(THE LONG VOYAGE HOME)

Segundo uma peça de EUGENE O'NEILL (Prémio Nobel de Literatura) com

THOMAS **MITCHELL**

JOHN **WAYNE**

IAN **HUNTER**

UNITED ARTISTS

2.ª série N.º 16 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nas Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 4 8276 NEOGRAVURA, LIMITADA, T. da Oliveira, à Estrêla, 4-6

# Animatógrafo

Director, editor e proprietário: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

24 de Fevereiro de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . . . . . . . 78$00

Semestre . . . . . . . . 39$00

Trimestre . . . . . . . . 19$50

Distribuïdores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

# «O DIA NACIONAL DO ESPECTÁCULO CINEMATOGRÁFICO»

# a favor das vítimas do ciclone

## UMA IDEIA GENEROSA DO GRÉMIO NACIONAL DOS DISTRIBUÏDORES

O ciclone que pôs tão duramente à prova o nosso lindo país — e que, ao mesmo tempo, deu ensejo à claríssima demonstração da serenidade e competência daqueles que nos governam — também perturbou, durante alguns dias, o comércio cinematográfico. A suspensção forçosa das comunicações, restabelecida aliás com maravilhosa prontidão, graças à energia e à decisão do sr. Ministro das Obras Públicas, fez com que alguns filmes não pudessem ser recebidos ou expedidos, tornando impossíveis muitos espectáculos na província. Alguns cinemas de Lisboa não deram espectáculo, por avarias na sala ou na instalação eléctrica.

Mas os que deram verificaram, com espanto, que os cinemas se enchiam, naquele sábado tempestuoso, como acontece todos os sábados. E isto diz do poder de atracção exercido pelo cinema, mesmos nos momentos mais trágicos, e em que o público tem consciência do que se passa. Recorde-se o exemplo de Londres, ou Berlim, em que os cinemas se enchem mesmo sob a ameaça dos bombardeamentos aéreos.

É que o Cinema deixou de ser encarado como um divertimento. Faz parte da vida normal de cada um, como o almôço ou o jantar, a telefonia ou a leitura do jornal.

Mas outra coisa ainda resultou do terrível cataclismo: um gesto generoso do Grémio Nacional dos Distribuïdores, a que se associaram prontamente o Grémio dos Cinemas e o Sindicato.

Trata-se da efectivação dum DIA NACIONAL DO ESPECTÁCULO CINEMATOGRÁFICO, em que todos os que nêle colaborem cedam os seus benefícios ou ganhos habituais a favor das vítimas necessitadas do ciclone.

### O que dão os distribuïdores

Nêsse dia, que oportunamente se marcará, os distribuidores cinematográficos destinarão o montante total da percentagem ou do preço fixo que lhes competiria a minorar a miséria em que ficaram tantos trabalhadores portugueses, privados da sua ferramenta, da sua casa, da sua sementeira, do seu pomar, do seu barco ou do seu gado. Isto é: fornecerão gratuitamente os seus programas a todos os cinemas.

Seria justo que a C. P. facilitasse o transporte dos filmes destinados aos programas dêsse dia, para que nada viesse onerar a execução de tão vasto plano, aumentando a verba avultadíssima que certamente se vai obter.

### O que dão os cinemas

Por seu turno, os exibidores cinematográficos também desistirão da parte que lhes cabe. A receita bruta, isto é: todo o dinheiro que entrar na bilheteira dos cinemas portugueses como produto da venda dos bilhetes para os espectáculos dêsse dia será acumulado numa caixa comum, à guarda duma comissão especialmente nomeada, e de que farão parte representantes dos dois Grémios, do Sindicato, do Instituto Nacional do Trabalho e da Inspecção dos Espectáculos.

É de crer que seja fácil obter a isenção completa de impostos e contribuições de qualquer ordem, municipais ou outras, para os espectáculos dessa noite, a fim de aumentar a respectiva receita, que a fim tão altruista se destina.

### A contribuïção do Sindicato

A Direcção do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema, solicitada a prestar a sua colaboração, imediatamente se pôs ao serviço de tão oportuna e filantrópica acção.

Propõe-se ela convocar para uma próxima reünião na sede do Sindicato os chefes de cabina e os fiscais dos Cinemas de Lisboa, a quem sujeitará a seguinte ideia: a cedência dos salários de todo o pessoal, correspondentes a êsse dia de espectáculo, a favor do óbulo comum, para que mais engrosse a contribuïção do Cinema para as vítimas da catástrofe que atingiu Portugal inteiro.

Idêntica proposta será apresentada ao pessoal da distribuïção e da produção, para que todos os profissionais de cinema, tanto empregados como patrões, contribuam, na medida das suas posses, com o seu auxílio.

### Uma verba importantíssima

Estamos certos que semelhante iniciativa, dado o fim que tem em vista, só poderá encontrar, da parte de todos, o mais voluntário e o mais decidido apoio.

Não é difícil prever que a quantia que assim se poderá obter deve ascender a muitas centenas de milhar de escudos. Mais nenhuma actividade particular a poderia obter tão elevada. Provar-se-á assim, à saciedade, aos olhos dos que teimam em considerar o espectáculo cinematográfico em Portugal uma coisa de somenos importância, qual é o verdadeiro papel que na vida e na economia portuguesa o Cinema desempenha.

A divulgação dos números que assim se obterão vai certamente surpreender muita gente. E estamos seguros que daí algum proveito resultará, para o prestígio e para a consideração do Cinema junto do público e do Govêrno.

### O que se espera do público

É claro que o Cinema conta em absoluto que o público, nesse dia, acorra em massa a todos os salões, procurando esgotar as lotações de todos, a fim de que a importância obtida seja a maior possível.

Se os distribuidores oferecem os seus programas, os exibidores os seus cinemas, os empregados os seus salários, o público deverá corresponder-se e associar-se a êles, comprando bilhetes para êsse dia. Poder-se-á medir assim a «cinèfilia» do nosso público — e, mais uma vez, o seu grande coração.

«Animatógrafo» responde por todos os seus leitores. Nenhum dêles faltará ao cinema no Dia Nacional do Espectáculo Cinematográfico. E só êsse contingente representa já muito e muito dinheiro, dada a difusão real do nosso semanário, muito superior à sua tiragem, pôsto que em Portugal não se compreendeu ainda que pedir emprestado e emprestar um jornal é diminuir extraordinàriamente as suas possibilidades de vida.

Escusado é dizer que, nesse dia, estarão rigorosamente abolidas tôdas as entradas de favor — outra «instituïção nacional» bastante perniciosa.

### O papel da Imprensa

Para que o Dia Nacional do Espectáculo Cinematográfico tenha tôda a grandeza e todo o alcance possíveis, torna-se indispensável o apoio da Imprensa. Nós, pela nossa parte, faremos tudo o que fôr julgado necessário. A imprensa diária, que acolheu com a maior simpatia a sugestão, parece no entanto não ter compreendido as possibilidades, verdadeiramente excepcionais, que o Cinema pode oferecer em tais circunstâncias. E esqueceu-se ainda, mais uma vez, que o Cinema é o seu melhor freguês no capítulo de publicidade, pois a verba que dispende anualmente em anúncios é muito superior à de qualquer outra actividade.

Não é possível que tal ideia só tenha a nossa voz a dar-lhe alento e expansão, na escala que merece.

Contudo, mesmo se assim fôr, ela irá por diante, e triunfará, deixando naqueles a quem valer com o seu auxílio prático a certeza de que o Cinema não é, positivamente, uma brincadeira de garotos.

## A nossa capa

★

**A nossa capa de hoje não tem legenda porque, segundo julgamos, ela não faz falta, na circunstância. Quem não conhece Marlene Dietrich? A partir de quarta-feira, vamos vê-la no filme «A Cidade Turbulenta», em que a grande actriz da tela readquire o prestígio de outras eras. Aquela produção, que vem precedida de fama e é distribuída por Filmes Alcântara, será exibida nos cinemas Odéon e Palácio e constituirá, estamos certos, um dos grandes atractivos da época que corre.**

# A NOSSA CAMPANHA CONTRA O 2.° INTERVALO

## O que nos disseram os EXIBIDORES

A nossa campanha contra o intervalo — verdadeira síncope num espectáculo — fortifica de forma extraordinária. Numerosas têm sido as cartas chegadas à nossa redacção a clamar contra semelhante enormidade absolutamente desconhecida no estrangeiro. Essas cartas são assinadas justamente por elementos dessa massa anónima que paga os espectáculos de cinema, que os impõe e faz triunfar.

As senhoras — as próprias senhoras — que, por natureza e condição, poderiam ser as primeiras a sobressaltar-se com a ideia da extinção dos dez minutos de contemplação mútua na sala iluminada — acorreram a felicitar-nos e a pedir-nos:

— Acabem, por favor, com o intervalo a meio dos filmes!

Alguns exibidores chegaram a procurar-nos ou a comunicar connosco telefònicamente para testemunharem a sua adesão — incondicionais umas, condicionais outras.

Indivíduos cultos e indivíduos incultos, cinéfilos de boa gema, profissionais dos estudios, não-profissionais e até certas entidades pouco dadas à justa apreciação da sétima arte garantiram-nos ou pediram-nos:

— Achamos bem a condenação à morte do intervalo a meio dos filmes. Acabem com êle! acabem com êle!

O público que encheu o Trindade na noite da «Festa dos Prémios» não foi menos eloqüente ao aplaudir António Lopes Ribeiro quando êste anunciou a luta sem tréguas nem quartel contra o parasita dos filmes, o fungo destruidor de harmonia e beleza: o intervalo.

Caso curioso: a fôlha mensal que o S. João e o Águia de Ouro editam e distribuem profusamente no Norte — órgão de exibidores, portanto — publica o seguinte editorial intitulado «Intervalo» e que vamos com a devida vénia, transcrever, por ser digno de interêsse e aplauso:

*«Quem se propuzesse um dia a fazer um inquérito em forma acêrca das opiniões dos freqüentadores das salas cinematográficas ficaria desconcertado — de tal maneira elas são divergentes.*

*«Das observações feitas em alguns anos — e que de maneira alguma suprem o inquérito a que aludimos — chegamos a algumas conclusões curiosas. E assim, os chamados cinéfilos podem dividir-se em dois grupos distintos: os que gostam do cinema e os que vão ao cinema. Os primeiros admiram o cinema como expressão de arte, por isso veem e apreciam com o mesmo interêsse tôdas as películas que constituem o programa: documentários culturais, jornais de actualidades, desenhos animados e o filme de fundo.*

*«Quanto aos segundos, êsses subdividem-se em vários ramos, a saber: os que têm de ocupar o tempo entre as nove e meia e a meia noite; os que sistemàticamente desprezam os complementos e apenas se interessam pelo filme de fundo; os que se entusiasmam com os complementos e veem o filme de fundo como que por obrigação; os que deliram com os jornais de actualidades e suportam depois o resto — por desfastio; e ainda os que gostam de ver todos os filmes do programa excepto os desenhos animados — mesmo que sejam de Walt Disney — com os quais embirram solenemente.*

*«Como veem, é difícil conjugar gostos tão dispares...*

*«Mas, para não falar na hora de iniciar as sessões — pois sôbre isso então cada um vê o assunto sob um ponto de vista muito pessoal — há ainda outro facto àcêrca do qual ninguém está de acôrdo — os intervalos. Enquanto uns entendem que dois são poucos, outros, porém — e deve ser talvez a maioria — consideram que um era o bastante.*

*«Na verdade, para quem gosta de cinema, deve constituir uma barbaridade «cortar» o filme de fundo — isto é, interromper a meio a sua projecção. Perde-se algo do ritmo e unidade do espectáculo.*

*«A propósito dêste incompreensível costume, Fernando Fragoso contou no «Animatógrafo» um curioso episódio sucedido com Laurence Olivier, na noite da estreia de «Rebecca» no «São Luiz»: Intrigado com o intervalo que «cortava» a meio o filme, aquele notável artista preguntou se o tinham feito em honra dele e da espôsa... E quando lhe explicavam a razão da sem razão de tal facto, Vivien Leigh comentou, sorrindo:*

*«— Quando exibirem «Gone With Wind» vão ter que fazer, pelo menos, quatro intervalos...*

*«Intervalos!... Eis um problema que, tal como a hora de principiarem e acabarem os espectáculos, diz respeito ao público — que poderá, se quiser, resolvê-lo.»*

A leitora «Eu sou cinéfila!» declara-nos, por carta, concordar há muito com a supressão do intervalo a meio dos filmes. Garante-nos ser essa também a opinião da sua família e a das suas amigas. «Desde que não suprimam todos os intervalos — escreve — somos pela condenação do que separa os filmes em duas metades, mutilando-os barbaramente».

«Três Graças» aprovam também a campanha do «Animatógrafo». Quando estão interessadas por um filme não podem suportar os intervalos, que quebram a unidade do espectáculo e a sua emoção.

Por sua vez, o leitor «Duarte Marnel» escreve-nos, ainda sôbre o assunto, uma curiosa carta da qual respigamos os seguintes períodos:

*«Li no número 10 de «Animatógrafo» que Vivien Leigh ficara visìvelmente mal impressionada com esta invenção nacional: o intervalo a meio dum filme! Pois bem: grande parte do público português detesta êsses intervalos que, quási sempre, cortam uma cena interessante e, o que é pior, quebram o ritmo do filme.*

... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

*«Neste momento, ocorre-me uma pregunta: para que servem semelhantes intervalos? Por mais que pense, não vejo razão que justifique a sua existência.*

... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

*«Agora toca a campainha. Entra-se para a sala, apagam-se as luzes, começa a projecção mas há sempre retardatários que, ao procurarem os seus lugares, tiram a vista àqueles que, a tempo e horas, se sentaram (outro inconveniente dos tais intervalos) e o espectador pontual vê-se obrigado a fazer um pouco de gimnástica, se não quere perder algumas cenas.*

*«E, apenas começa a segunda parte, depois do intervalo nos ter quebrado a acção do filme, é preciso que nos adaptemos novamente ao enrêdo e à situação...»*

Transcrevemos ainda duma carta do «Par Invisível»:

*«... queremos levantar... o nosso grito de revolta contra os senhores empresários que, não sabemos porque motivo, resolveram, tão fora de propósito, cortar ao meio o filme principal.*

*«Se o público não vai ao cinema só com o fim de passar três ou quatro horas distraído, achará como nós que êsse intervalo de dez minutos é tudo quanto existe de mais irritante, de mais incompreensível e fora de propósito.*

... ... ... ... ... ... ... ... ... ...

*... não gostamos que nos cortem o filme no meio. Vá, façam-nos êste geitinho e corram o filme sem ser a prestações... Ainda se fôsse com bónus!*

*«Mais uma vez, suplicamos aos srs. empresários: tenham dó de nós, dos espectadores, daqueles que lhes dão o dinheirinho!»*

Perante a atitude do público, «Animatógrafo» foi ouvir os exibidores para saber o que êles pensavam àcêrca do valor ou do não valor do negregado intervalo a meio dos filmes.

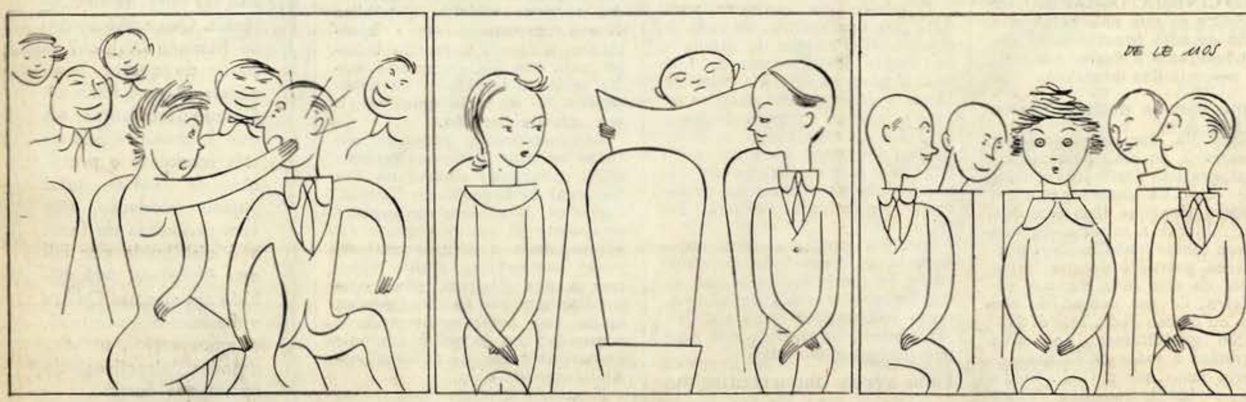
E apresentamos, como segue, o curioso e talvez intrincado problema sôbre o qual pesa muita rotina e talvez também uma certa indiferença:

### Exposição do problema

— Senhores exibidores:

«Animatógrafo», incitado por numerosos leitores — e até leitoras — lançou, como sabem, a ideia de se suprimirem os inter-

(Continua na pág. 18)



INTERVALO! INTERVALO... INTERVALO

# PANORÂMICA

## Variatio delectat...

O poeta latino Horácio, autor das Odes e dos Épodos, professor de arte poética na célebre «Carta aos Pisões», dizia que a variedade deleitava. E nós, que em nossa febre aventurosa sempre adoptamos o preceito, por horror à monotonia (embora possuamos as virtudes bastantes para repudiar o *Carpe diem*...) decidimos variar um tanto ou quanto o «Animatógrafo».

Terminamos assim com a secção das «Estrelas» e decidimos modificar a apresentação dos retratos.

Muitos leitores reclamavam contra o facto de darmos os retratos da nossa galeria nas costas uns dos outros, o que os forçava a inutilizar um deles quando queriam emoldurá-los. A partir dêste número, já não haverá êsse inconveniente, embora daí resulte a redução no seu tamanho, aliás mais cómodo.

Vemo-nos porém forçados a suspender o Referendum habitual, para reeditarmos no formato novo os retratos dos preferidos, embora em fotografias diferentes.

Além disso, como pode ver-se pelos resultados que temos publicado, alguns leitores confundiram o Referendum com um inquérito às suas preferências, reaparecendo nos primeiros lugares actores e actrizes cujos retratos já saíram em estampa, o que não era justo para os restantes leitores.

A nova galeria é numerada, o que facilita o seu coleccionamento.

Tenham paciência os «eleitores». Assim — chega a vez a todos.

## A Taça e as Medalhas

A Taça do «Animatógrafo» é exposta durante esta semana numa das montras da casa «Pratas de Arte», na rua da Misericórdia, a quem se deve a sua magnífica execução.

A Taça vai ser entregue à Sonoro Filme numa sessão que «Animatógrafo» promove na sede do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema, gentilmente cedida para êsse fim.

As medalhas, cuja execução é laboriosa, serão enviadas oportunamente aos seus detentores.

## Suzanne Chantal

«Animatógrafo» assegurou a colaboração nas suas páginas da grande jornalista francesa Suzanne Chantal, que dirigiu e fez de «Cinémonde» uma das revistas cinematográficas mais interessantes e cuidadas do mundo.

Esta notícia alegra-nos tanto como certamente vai alegrar os nossos leitores.

## Moguy no «Círculo Eça de Queiroz»

Continuando as suas sessões mensais de cinematografia, exclusivamente reservadas aos sócios e suas famílias, o «Círculo Eça de Queiroz» exibiu na sua sede «Prisão sem grades», aproveitando a circunstância do realizador se encontrar em Lisboa, e poder apresentar êle próprio o seu filme.

António Lopes Ribeiro apresentou Léonide Moguy aos seus consócios, que o saúdaram com uma grande ovação.

Moguy expôs as suas ideias sôbre o cinema, cuja função social salientou, e explicou os motivos que o levaram a realizar «Prisão sem grades», grito de alarme contra as Casas de Correcção francesas no período que precedeu a guerra actual. Congratulou-se pelo facto de a sua supressão ter sido uma das primeiras medidas tomada pelo govêrno do marechal Pétain. Falou do seu amor aos novos, da vontade que sempre o animou de lhes dar possibilidades, da revelação de Corine Luchaire, e da sua gratidão a Aires de Aguiar, o produtor português a quem deve a sua carreira de realizador.

Mais disse do seu reconhecimento a Portugal cujo acolhimento o desvanece, terminando por agradecer o honroso convite da direcção do Círculo.

O filme foi projectado juntamente com um Jornal Português da SPAC e um desenho animado colorido da Rádio-Filmes (o delicioso «Pato Engeitado» de Walt Disney), alcançando o êxito a que largamente tem jus.

# O CIGARRO contra o Cinema

A campanha do «Animatógrafo» contra o Segundo Intervalo, aquele inverosímil intervalo que interrompe abruptamente a visão dos melhores filmes, não consentindo que os piores se defendam pelo desenrolar natural da seqüência prevista, produz, inevitàvelmente, os seus efeitos.

Num artigo anterior, passamos em revista algumas razões invocadas por aqueles que podem acabar com êle quando entendam, e que o mantêm, não por simples teimosia, mas por estarem convencidos que êsse intervalo agrada à maioria do seu público. Para que não nos acusassem de má fé, decidimos interrogá-los um por um, e do que nos responderam damos e daremos conta fidelíssima. É claro que nos reservamos o direito de comentar e de julgar êsses depoimentos, sem perder de vista a firme convicção de que o Segundo Intervalo prejudica o filme que corta em dois, prejudicando portanto o espectáculo cinematográfico. E parece-nos que tudo o que prejudica o espectáculo cinematográfico — prejudica implìcitamente os exibidores. É portanto em defesa dos exibidores, mesmo contra a sua própria opinião, se ela não se justificar, que não desistiremos de atingir o fim propôsto, que será o fim do tal intervalo.

Poderão dizer-nos que não temos procuração dos exibidores, nem sequer da maioria do seu público, para defendermos um ponto de vista que os desatentos supõem ser um ponto de vista puramente «cinéfilo». Assim é. Mas exactamente por se tratar dum parecer «cinéfilo», cabe-nos a nós, amigos do cinema, atacar tudo aquilo que diminua as possibilidades do êxito cinematográfico. Não nos foi solicitada a defesa — mas temos por legítimo o ataque.

Além do que, estamos firmemente convencidos de que temos o público connôsco. Certos murmúrios unânimes de emoção bruscamente interrompida a que assistimos nos salões, quando o indesejável letreiro introduzia uma síncope desastrosa no desenrolar duma acção seguida com o maior interêsse, parecem-nos sintomáticos. Se êles significassem alívio, qualquer coisa como isto: «Ora até que enfim que acabou esta espiga e que podemos ir fumar uma cigarrada!» — mal ia a coisa para o espectáculo cinematográfico, e decerto que a casa não se enchia no dia seguinte...

Êsse argumento do cigarro foi-nos servido em vários tons, e sempre com um ar de irrefutável. Ora nem que nos rachem a cabeça em dois, como fazem às fitas, acreditamos nêste sofisma que indignaria o próprio Protágoras: o público vai ao cinema com a ideia fisgada de fumar durante o segundo intervalo e não para ver as fitas!

Quando se proïbiu o fumar nas salas — outro inimigo indiscutível do Cinema, por anti-higiénico e perturbador da limpidez da projecção — houve exibidores que imaginaram que o público desertaria em massa, arruinando-os. É claro que não aconteceu nada disso, antes pelo contrário. E hoje, durante a projecção, ninguém se lembra de que existe o tabaco, obedecendo sem relutância à postura. Quando vem o intervalo, é certo que os fumadores aproveitam por ir consumir mais uma cigarilha. Mas fazem-no — porque não têm outro remédio, uma vez que os despediram da visão do filme!

Alvitramos um processo tira-teimas. Pergunte-se ao público, directamente, se quere ou não quere que se conserve o Segundo Intervalo. «Animatógrafo» está disposto a organizar êle próprio essa votação, que poderia prolongar-se durante uma semana e abrangeria todos os cinemas de Lisboa e do Pôrto. Seriam distribuídas, nas bilheteiras, senhas de voto a todos os espectadores, estudadas de forma que não fôsse necessário preencher quaisquer linhas em branco, mas apenas inutilizar a parte rejeitada. Temos a mais absoluta confiança de que os resultados seriam largamente favoráveis à nossa opinião. Mas, em qualquer caso, saberíamos ao certo o que, doutra maneira, nos parece difícil de apurar.

Se os exibidores estiverem dispostos a colaborar connôsco nêsse inquérito, ràpidamente chegaríamos a uma conclusão, útil para todos.

Se o público condenasse o intervalo, estudar-se-ia a melhor forma de compensar os interêsses legítimos que ficassem prejudicados. Como dissemos, também julgamos saber qual seja a solução. Se o público quisesse o intervalo — nada se modificaria, embora os filmes continuassem a ser prejudicados.

Mas temos a certeza certa de que o público NÃO QUERE!

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

# Allô, CAROLE!... Allô, ROBERT!...




## Vocês nem calculam o que vai ser «O SENHOR E A SENHORA SMITH»

UMA NOVA COMÉDIA
DA R. K. O. — RÁDIO

O ano vai mau para muita coisa mas é um ano excepcional para as boas comédias. É isto está, pode dizer-se, o melhor adaptado possível às circunstâncias visto que é precisamente nos maus anos que mais fazem falta as fitas para rir, as fitas feitas com verdadeiro espírito e alegria.

Casa nenhuma como a Radio-Filmes tem primado em apresentar, umas a seguir às outras, boas comédias o que não admira, afinal, por ser a Radio-Filmes a verdadeira especialista dêste género de fitas.

Depois do estrondoso êxito de «Sorte Grande», ainda em pleno triunfo, de «No, No Nannette» já a RKO anuncia uma fita que se propõe para bater tudo quanto os cinéfilos têm visto no género. Trata-se de «O sr. e sr.ª Smith» que Alfred Hitchcok, o grande director de «Rebecca», realizou e que apresenta como intérpretes dos principais papéis Carole Lombard e Robert Montgomery, dois assombrosos actores que, assim, voltam aos seus papéis predilectos.

### Para ser feliz no casamento

A história de «O sr. e a sr.ª Smith» devida ao grande ao grande argumentista Norman Krasna é das mais originais que se filmaram em todos os tempos. E, além do mais, apresenta uma regra de seguros efeitos para viver feliz dentro dos varais do matrimónio. Já isto seria com certeza, motivo para despertar o interêsse de tôda a gente. Mas a fita faz melhor: não se contentando com apresentar a regra mostra os efeitos da sua aplicação... que se nem sempre dá bons frutos casamenteiros obriga, pelo menos, a rir constantemente a «bandeiras despregadas».

O sr. Smith (Robert Montgomery), um advogado célebre e ganhador de muito bom dinheiro, vivia bastante feliz com sua mulher (Carole Lombard). Na qualidade de pessoas apaixonadas arranjavam, de vez em quando, uns arrufos... «para animar» aquela monotonia que ataca os felizes. Quando se zangavam tinham talvez em vista aquele preceito que reza que «o amor é melhor quando se fazem as pazes». Mas como «tinham o seu orgulho» para prever o acidente grave que seria ficarem muito tempo zangados, arranjaram uma regra famosa para se curarem das birras: *fecharem-se à chave no seu quarto e não saírem de lá senão depois de se reconciliarem.*

### Resultados da regra

Marido e mulher, frente a frente, num recinto fechado, furiosos um com outro... Aplica-se a regra de não sair sem fazer as pazes... mas enquanto as tréguas não surgem quantas almofadas não andam pelo ar, quantos «bibelots» não se partem!...

Marte e Venus gostam de andar juntos. O sr. e a sr.ª Smith sabiam isso e tão depressa estavam em guerra, guerra doméstica daquela de partir móveis e atirar almofadas, como se surpreendiam lançados em pleno amor.

O balanço da aplicação da regra a qualquer arrufo do simpático casal era sempre, além dos estragos no «cenário» uma ou outra nódoa negra e o prejuízo dos dias em que o sr. Smith faltara ao trabalho.

Evidentemente se algum casal, leitor do «Animatógrafo», quiser aproveitar esta regra de bom viver é indispensável ver várias vezes «O sr. e a sr.ª Smith» para aprenderem com Carole Lombard e Robert Montgomery todos os pormenores indispensáveis. Também os que não concordarem com o sistema e, duma maneira geral, os indiferentes a estes problemas casamenteiros (haverá alguns?) não podem deixar de assistir a algumas passagens de «O sr. e a sr.ª Smith» para poderem atacar os seus pontos fracos com todo o vigor se é que, depois de verem estes pândegos Smiths não ficam totalmente desconvencidos das suas ideias.

### Os que não devem ver a fita

Outrora quando as gentes eram mais pacatas e as senhoras tinham cheliques quando os vilões davam tiros, os reclamistas eram «obrigados» a prevenir que o espectáculo não era recomendável para pessoas nervosas». Pois quando se estrear «O sr. e a sr.ª Smith» há uma prevenção doutra ordem a fazer: é que esta fita não é própria para aqueles que por penitência resolveram nunca mais rir, mesmo aqueles macambúzios que se gabam de ver as coisas mais engraçadas sem sequer sorrirem — porque todos êles se virem «O sr. e a sr.ª Smith» serão obrigados a quebrar o seu juramento de «penedos».

Todos os outros vão rir a perder, e vão perder, se forem casados, aquela pesada convicção de que a vida tem de ser levada de sobrôlho carregado e a suspirar de mágua a propósito de tudo.

### Sejamos optimistas

Alfred Hitchcok, o grande realizador inglês que tem dirigido algumas das produções que mais dinheiro deram em todo o mundo; Norman Krasna que escreveu já centenas de histórias cheias de alegria e originalidade; Carole e Montgomery que regressam, depois de alguns devaneios ao seu género predilecto de fitas, todos, com grande entusiasmo, declararam estar satisfeitíssimos com o rendimento do seu trabalho em «O sr. e a sr.ª Smith». Carole declarou mesmo, que ver a fita dava uma irresistível vontade de ser optimista: pois sejamos optimistas e vamos ver «O sr. e a sr.ª Smith».

### E depois disto?

E depois disto, o público que julgue. Que lhe parece? O ano corrente é, ou não, no fim de contas, excepcional para as boas comédias?

A Rádio-Filmes tem dado, para êste êxito rotundo, a sua melhor colaboração, o seu mais nítido esfôrço. As plateias habituaram-se às suas produções, onde há finura e bom humor e distinguem-nas com o seu aplauso.

«O sr. e a sr.ª Smith» promete divertir o público. A presença de Carole Lombard e de Robert Montgomery à cabeça do elenco constitui, a todos os títulos, uma chancela de garantia.

Norman Krasna é um nome que assegura um argumento esplêndido.

Finalmente, Alfred Hitchkok assume a responsabilidade máxima dentro da produção que vamos ver.

Nada mais, é preciso dizer.

Agora, aguardemos tranquilamente o dia em que «O sr. e a sr.ª Smith» nos divirtam com a sua história trepidante e... própria para famílias...

SÍLVIO LIMA

## Se vai ao cinema há 10 anos ou mais, inscreva-se no «Clube do Animatógrafo»

**A inscrição é GRATUITA. Basta escrever um postal para a Rua do Alecrim, 65, Lisboa, indicando o NOME, a PROFISSÃO, a MORADA e declarar que vai ao cinema há, pelo menos, dez anos, desde 1930**

# CINEMA PORTUGUÊS

## O público sabe o que quere!

### Dizer o contrário não é desculpa para os que o servem

A reacção do público que enchia a sala do Trindade — na noite da Festa dos Prémios, organizada por «Animatógrafo» — quando António Lopes Ribeiro anunciou o resultado das classificações, provou à evidência, aos cépticos e aos teimosos, que a massa anónima freqüentadora das nossas salas de espectáculos possue inteligência e manifesto amor à Beleza e à Arte.

O público achou bem a escolha do filme premiado, achou muitíssimo justa a escolha de Greta Garbo (repararam nos seus aplausos vibrantes e prolongados?), achou certa a distinção conferida a Leslie Howard ..

O público acorreu em massa, e entusiasmado, ao espectáculo de «Animatógrafo» porque lhe conhecia o seu alto significado artístico. Estava interessado pelo acto cinematográfico a que ia assistir, e ansioso por ver — ou por voltar a ver — artistas de eleição como Marie Dubas, os Sakharoff, por ouvir uma admirável selecção musical pela Orquestra da Emissora — e por admirar D. Maria Tereza de Noronha, que lhes trazia uma promessa — pouco depois tornada realidade: a rehabilitação do fado.

Êste espectáculo eclético deu-nos uma certeza: a de que o público português não é aquilo que certos empresários, artistas e produtores de filmes querem fazer crer: o nosso público aprecia a Arte, e se não concorre a muitos espectáculos isso deve-se apenas ao facto dêles não estarem à altura do seu bom gôsto, da sua sensibilidade, da sua inteligência — da sua dignidade de espectador.

A geração de ontem sabia julgar ópera — por instinto, por hábito, por sentimento; não, decerto, porque tivesse grandes conhecimentos de música; e as companhias estrangeiras vinham a S. Carlos «fazer a sua prova de exame», antes de se abalançarem a correr mundo. Ali se fizeram e ali se apagaram nomes famosos.

A nossa geração de hoje não julga ópera — porque a não tem — mas prova se saber julgar uma orquestra, um artista, um bailarino, um filme — e é exigente.

O nosso público gosta de ver. Quem fôr aos domingos aos museus encontra neles, não o senhor erudito e a madama Dona Pergaminhos, mas o operário e a mulher, o homem de menor ilustração, aquele que olha e admira mas não sente nem compreende.

Durante êsse maravilhoso certame que foi a Exposição do Mundo Português, cruzávamo-nos muitas vezes, nas ruas e nos pavilhões de Belém, com gente humilde, de chaile e lenço.

Alguns estrangeiros disseram-nos:

— Espantoso! então o vosso povo acorre a estes certames?

E o povo que acorria era precisamente o que mais necessitava de receber aquela extraordinária e complexa lição de História.

Ora, reatando, a Festa dos Prémios foi ainda prova de que o público sabe distinguir. Aprovou, aplaudiu, teve uma exclamação quando lhe falaram no «Pinocchio» (veja-se, neste número, o debate havido e a nossa opinião) e esboçou uma atitude de surprêsa quando viu o nome de Errol Flynn. Ainda admitiu o segundo, mas não concordou — nitidamente — com o primeiro. Sincero e inteligente, o público ouvia mas reflectia.

A Festa do «Animatógrafo» constituiu, como se verifica a garantia de que, se amanhã se apresentarem boas revistas, bom teatro, bons filmes nacionais, o público não deixará as casas vasias. Enquanto persistirem em enfadá-lo com espectáculos de reduzido interêsse e quási grosseiros, prefere estiolar-se nos cafés e deambular pela Avenida.

Pelo bom nome e respeito de todos nós — orientadores, mentores e espectadores — sirva-se criteriosamente o público! E, antes de o incriminarem, façam um pequeno exame de consciência para saber se, de facto, têm a certeza de que o estão a servir bem.

MOTA DA COSTA

P. S. — Àqueles que nos têm distinguido com as suas cartas de aplauso e de incitamento à doutrina por nós defendida nestas colunas — e àquele que protestou contra a nossa afirmação de que os candidatos à carreira cinematográfica só pensam em ser artistas ou realizadores, esquecido de que dias antes escrevera ao director de «Animatógrafo» a pedir-lhe que fizesse dêle «um grande realizador» (sic) — os nossos sinceros agradecimentos. A concordância ou a refutação dos nossos pontos de vista merecem-nos, quando feitas com inteligência e correcção, igual simpatia. De resto, seria estultice julgar poder agradar a gregos e a troianos — como seria estultice não admitir a outros o direito, humano e livre, de nos julgarem.

A «Uma Cinéfila» temos a agradecer a gentileza das suas palavras amigas. Concordamos com a sua doutrina e talvez um dia nos seja possível glosá-la em público. E escreva quando quiser; dar-nos-á muitíssimo prazer receber aqui os seus «bons dias...»

A «Ternura» — cuja caligrafia denota um espírito positivo e culto — declaramo-nos também muito gratos pelo que escreveu a António Lopes Ribeiro a nosso respeito. — M. da C.

## O CONCURSO DOS PROGRAMAS

**Não se esqueçam de que devem guardar os programas dos cinemas onde forem, para poderem tomar parte no GRANDE CONCURSO, com valiosíssimos prémios, que nos propomos organizar no decorrer dêste ano e que se baseia nas MAIS COMPLETAS COLECÇÕES DE PROGRAMAS que forem apresentadas**

## VER OUVIR...E FALAR

*Apesar de tudo, ainda é altura de fazermos uma crónica sôbre o fim do ano, época em que todos os homens assinam tratados íntimos com a própria consciência para o cumprimento de certas normas no ano próximo. O desejo de uma «regeneração cinematográfica» deveria transformar o dia 31 de Dezembro no dia escolhido pela nossa gente de cinema para serem firmados os caminhos que melhor sirvam à instalação definitiva de uma produção de filmes com carácter de continuidade. Assim como o obeso afirma naquele dia que não voltará a beber cerveja e o magro promete um regime de vitaminas — assim a nossa gente de cinema deveria encher-se de boas intenções, disposta a entrar no bom caminho, ansiosa por bem começar fazendo entrar tudo nos respectivos eixos.*

*A humanidade cede sempre diante do calendário. Os corações amolecem em frente das datas marcadas a tinta vermelha. Então os homens prometem muita coisa. É preciso, portanto, aproveitar a fase das promessas, quando os cérebros pensa dêle a Tobis e a Lisboa-Filme? Fala-se em novos filestão ainda meio embriagados por um resto de lirismo...*

*Não percamos tempo. O que há acêrca do Consórcio? O que mes, mas parece-me que se continua a trabalhar dentro do mesmo plano de anarquia. Onde está uma organização que aproveite os novos esforços? Onde se encontra a organização que garanta a continuidade dessas iniciativas?*

*Em pouco mais de meia dúzia de anos de vida do nosso cinema, neste período sonoro que vem da «Severa» a «Pôrto de Abrigo», conseguiram-se alguns progressos. Estes, porém, mais no domínio da técnica de filmagem do que no sistema de produção. Ao princípio, começou-se por recorrer aos estúdios lá de fora para acabamento actualizado dos nossos filmes. Depois de se instalar em Portugal o «atelier» com material adequado às exigências, passou-se a trabalhar completamente entre nós. Os filmes saíam então com certas imperfeições de sonorização. Hoje, podemos gabar-nos de ver êsse defeito e outros quási totalmente eliminados. E, todavia, os filmes portugueses não são ainda de molde a satisfazer de maneira completa tôda a gente, mesmo a de gôsto médio.*

*Porquê?*

*A resposta é sempre a mesma. As deficiências subsistem mais por falta de critério. Não há uma direcção, uma orientação superior, competente, que encaminhe os passos do cinema nacional. Duas coisas bem patentes e importantíssimas são a escolha dos motivos dos nossos filmes e dos seus intérpretes. No primeiro caso vêem-se assuntos sem grande imaginação ou repisados — o que é pior. Poderíamos apontar exemplos considerados pelos seus produtores «tiros» comerciais e que a experiência demonstrou o contrário.*

*O argumento e a interpretação, dois vícios do cinema português, precisam de ser corrigidos. Bom seria, portanto, que daqui em diante se envidassem esforços para os fazer desaparecer adaptando se assuntos novos e humanos (ainda que tenham saloios, romarias e bailaricos) procurando dar expressão natural aos actores à fôrça de experiência e de cuidado directivo — e sobretudo de ordem, de método, de disciplina.*

**AUGUSTO FRAGA**



*Pouco antes do atentado que provocou a Grande Guerra. O arquiduque Fernando e sua mulher caminham para a morte, em Serajevo*

# UM FILME QUE EVOCA O PRÓLOGO DUMA GUERRA

## (DE MAYERLING A SERAJEVO)

Mayerling ficou na história e na tradição como um dos mais densos e curiosos mistérios da vida contemporânea. O drama, cujo epílogo sangrento anda na memória de todos e foi já recordado no cinema com Charles Boyer e Danielle Darrieux nos protagonistas, teve numerosas explicações e justificações, qual delas a mais lógica e também a mais problemática. Saber-se o que pertencia a duas almas é tarefa demasiada para os mortais. O drama de Mayerling — talvez apenas de carácter íntimo — teve o condão de contender com problemas políticos, que foram violentamente abalados.

Vários depoimentos foram já feitos por elementos palacianos que viviam em Mayerling. Mas sempre a verdade permaneceu confusa, como se sôbre ela se interpusesse a sombra dos dois mortos, ciosos de guardar tremendo segrêdo.

* * *

Serajevo é outro drama, porém êste mais nítido nas suas linhas gerais, da história dos nossos dias. Isto não significa que, por detrás do que foi dado a público, não exista outra verdade, talvez mais angustiosa e mais sensacional. Todavia, Serajevo ficou para todos como o pretexto que lançou o mundo em convulsão, durante quatro anos.

Quanto à causa remota, não a recordamos aqui.

Falamos hoje de Mayerling e de Serajevo porque dêstes dois motivos históricos nasceu recentemente um filme de grande categoria que vamos ver dentro de pouco tempo, nas nossas telas, apresentado pela Aliança Filmes. Assunto palpitante, mereceu, quer dos produtores, quer do realizador, quer ainda dos artistas, um cuidado a todos os títulos excepcional, um carinho que bem demonstra não se tratar de obra de série.

Coube a Max Ophuls dirigir êste filme histórico — ou de côr histórica. Podemos afirmar, com conhecimento de causa, que o seu trabalho merece os maiores e mais sinceros elogios. Profissional de cinema escrupuloso— com uma avultada fôlha de serviços — nem dêle era de esperar outra coisa senão uma realização perfeita, que enobrecesse e valorizasse o assunto.

O ambiente do «Prólogo duma Guerra (De Mayerling a Serajevo» está também dado com justeza e magnificência.

Os principais papéis foram confiados a dois artistas de renome: Edwige Feuillère e John Lodge. A primeira, cuja carreira vai numa ascenção muito curiosa, tem, no «Prólogo duma guerra (De Mayerling a Serajevo)», uma interpretação deveras excepcional, digna duma grande, duma verdadeira artista. A personagem que encarna rescende a humanidade e está traçada com vigor e ternura.

Por seu lado, John Lodge impõe-se por uma actuação sóbria e pujante, que o eleva acima dos seus anteriores trabalhos.

Ao trazer até nós êste filme, para que chamamos a atenção daqueles que apreciam o bom cinema e as grandes interpretações, a Aliança Filmes quis, como se verifica, manter o seu prestígio de cuidadosa seleccionadora de programas e dar ensejo ao nosso público para admirar uma obra empolgante e excepcional.

* * *

O «Prólogo duma Guerra (De Mayerling a Serajevo)» vale como espectáculo, como estudo histórico e como documento do elevado expoente de realismo e perfeição alcançado pelo cinema.

Felicitemos a Aliança Filmes por tão notável aquisição e congratulemo-nos por ter possibilidades de a admirar. O dia da estreia aproxima-se. A nossa espectativa vai ser, finalmente, satisfeita!

O nosso público tem manifesta predilecção por obras históricas. Principalmente as que pretendem levantar uma ponta do véu que envolve problemas graves da vida contemporânea encontram sempre disperto o interêsse das nossas plateias. Ora, «o Prólogo duma Guerra (De Mayerling a Serajevo)» foca um problema que encontra agora a sua maior actualidade. Foi, sem dúvida, êsse um dos motivos que levou os produtores do filme a interessar-se pelo tema, deveras excitante e sugestivo.

Max Ophuls foi imediatamente chamado como um dos realizadores mais competentes para tratar o assunto e, graças aos colaboradores de que se rodeou, pôde, de facto, apresentar uma obra de envergadura e sã humanidade.

O filme nada tem de chocante nem de doloroso para o público. E, no entanto, são almas sofredoras que nesses perpassam, revivendo momentos inquietos e sombrios, recordando episódios agitados e dignos de serem fixados pelo cinema.

Mayerling e Serajevo voltam a ser dos nossos dias, mercê da estranha magia da arte cinematográfica, sempre apta a ressuscitar o passado. E o cinema perpetuará na tela — embora em imagens efémeras — êsses dois dramas estranhos, sôbre os quais quem sabe algum dia se fará definitivamente luz!

A. V. M.



*Edwige Feuilleré, a grande actriz francesa, tem na arquiduqueza uma das suas interpretações mais notáveis*



*Outra figura histórica que aparece no filme: o imperador Francisco José de Áustria, tal como o representam os retratos da época*



*Leonide Moguy, descobridor de «estrêlas» e realizador de mérito, é muito conhecido e apreciado no nosso país*

# LEONIDE MOGUY

## O realizador de «PRISÃO SEM GRADES» vive agora em Lisboa

### DE CIRURGIÃO DA IMAGEM A DIÓGENES DO CINEMA

As linhas que vão ler-se não são nem o elogio do realizador Léonide Moguy nem uma entrevista nos moldes clássicos, dêsse género quási sempre desanimador para o entrevistado e para o entrevistador. Aliás tôda a medida do valor de Léonide Moguy — apressemo-nos a dizer que se trata do realizador de *«O Miúdo»* e de *«Prisão sem grades»* — como realizador está dada.

Não nos parece assim necessário apertá-lo no torniquete das interrogações capciosas. Melhor trabalharemos pelo Cinema se evocarmos ràpidamente e com objectividade a sua vida de extraordinário obreiro da sétima arte.

Léonide Moguy começou como montador, transformando filmes completamente estragados, impossíveis de exibir, em verdadeiros êxitos artísticos e comerciais. A breve trecho esta aptidão particular, exuberantemente demonstrada em «Ademai Aviador», «Itto», «Papa sans le savoir», «Malheur aux vaincus», etc., reveladora de excepcionais capacidades de gôsto e saber da coisa cinematográfica lhe valeu justo renome — é preciso acrescentar: entre as pessoas do «métier», pois o público quási o ignorava. E em conseqüência disto foi por Yves Mirande cognominado *cirurgião do cinema francês*. Unânimemente apoiou a crítica francesa esta designação. Prestaram-lhe homenagem Robert Jantsen na «Comédia», D. Horchitz no «Figaro», Serge Berline no «Paris-Midi» e «Paris-Soir», M. P. Berger no «Excelsior», etc.

Em 1935 começou a ensaiar-se na arte mais difícil de realizador, trabalhando com Yves Mirande, como supervisor técnico, em «Bacara», que foi recebido pela crítica francesa e estrangeira como um dos primeiros filmes falados franceses capaz de rivalizar sob o aspecto técnico com os filmes americanos.

Com uma probidade artística que honra, recusa durante dois anos ofertas para dirigir filmes, aceitando apenas em 1936 o argumento de «O Miúdo» que na sua opinião podia servir para fazer uma fita saudável, jovem e honesta, e que permitia dar ensejo a revelarem-se algumas actrizes incipientes.

O que foi o êxito dêste filme é quási inútil lembrá-lo, pois está na memória de todos os cinéfilos portugueses.

Como muito justamente disse J. P. Liansu na «Comœdia» «os verdadeiros amigos do cinema alegraram-se vivamente por verem enfim no seu lugar um dos melhores artistas do seu tempo».

O *cirurgião do cinema* Moguilewsky começa a provar as suas notabilíssimas virtudes de realizador.

A maneira como trata o têma do seu primeiro filme é um achado: nem «vaudeville», nem farça; antes uma comédia bem disposta, alegre mesmo, mas profundamente humana. É certo que depois do seu trabalho de direcção técnica de filmes como «Bacará» conhecia exactamente os erros que não se devem cometer, as deficiências que não se perdoam. Todavia Moguy não fez um filme rectilínio, indiferente. Na sua primeira produção se vislumbra logo tôda a sua sensibilidade, a sua rara intuïção cinematográfica.

Aires de Aguiar, o produtor português que comanditou «O Miúdo», permitindo-lhe debutar como realizador, prestou ao cinema francês e à arte cinematográfica um grande e notável serviço.

De «O Miúdo» disse Emile Vuillermoz, crítico tão apreciado pelos cinéfilos portugueses, que «é uma obra realizada com uma rara inteligência, uma atmosfera infinitamente divertida e agradável. Eis um filme francês dotado de tôdas as qualidades que o podem intternacionalizar da maneira mais simpática. Conheço poucos a que se possa fazer êste elogio».

O êxito de «O Miúdo» valeu a Moguy numerosas propostas de filmes. Mas preferiu esperar. E não se deixando caír na tentação dramas insensatos, procurou um argumento que lhe permitisse traduzir, em imagens vivas, ideias sãs e humanas, lutando contra as vedetas que procuravam impor-lhe.

Realista como o deve ser todo o verdadeiro artista do «écran», procura insuflar nos seus filmes o sôpro da verdade, doseando-o porém de espírito, de medida e discreção.

Mas alguma coisa mais explica a qualidade dos filmes de Moguy: o seu vivo desejo de trabalhar com novos, a sua fé nêles, nas suas possibilidades; a sua vontade de provar que o cinema pode encontrar uma fórmula intermediária entre os «vaudevilles» do Palais Royal e as produções em que se gastam milhões; a sua convição de que é possível fazer filmes honestos diferentes das histórias abracadabrantes de «malandros» que habitualmente vemos; enfim que as ideias mais simples apresentadas com verdadeira honestidade atingem sempre o público e, o que é melhor, reconfortam-no.

É êste mundo de ideias o responsável do seu segundo filme, «Prisão sem grades», onde se revelou excelentemente uma «equipe» de novos artistas, e a magnífica convicção do seu autor de que o cinema pode dar a melhor lição de moral, ao mesmo tempo que o seu papel sob o ponto de vista social é formidável.

Isto defendeu Moguy também na imprensa, declarando o seu desejo de fazer um filme como «Doido com Juizo» ou como «Não o Levarás Contigo», em suma: a apologia das causas generosas.

Descobridor de estrêlas, Moguy lançou: Michèle Morgan, Madeleine Robinson, Gilbert Gil, Fou-Tsen, Jacqueline Pacaud, Paulette Oury, Wany Carnevon, Corine Luchaire e outras, algumas das quais brilham hoje como de primeira grandeza. Pensa e bem que o «écran», como o Minotauro, exige sempre novos valores, que é preciso encontrar.

Mas a vida é hoje de tal forma dura e brutal que o Cinema deve ser optimista e capaz de encorajar a humanidade desiludida.

Esta é a razão porque a par da sua formidável capacidade de insinuação não pode esquecer a sua função social.

A dedicação de um bom homem por uma criança perdida — tema do «Miúdo» — a afeição sincera de uma bela alma de mulher por algumas raparigas transviadas — tema de «Prisão sem Grades» — e finalmente «Conflito», história de duas irmãs primeiro ternamente unidas depois separadas pelo amor maternal são outras tantas contribuições de Moguy em defesa daquela tese. É de justiça dizer que a sua construção nos parece trabalho de grande envergadura. Mas podemos confiar: Moguy pensa fazer um dia um filme sôbre a «Família». De facto para a humanidade actual a única e verdadeira tábua de salvação, a mais perene fonte de optimismo só pode ser, com efeito a família.

ALVES DE AZEVEDO



*Um dos principais colaboradores de Leonide Moguy é o seu assistente. Conhecem-no? Trata-se nem mais, nem menos, do que do filho da marechala Pétain, esposa do Chefe do Estado francês*

## UM INQUÉRITO EMPOLGANTE

# O CINEMA AO SERVIÇO DA EVANGELIZAÇÃO

**Opiniões, comentários e depoimentos dos rev. padres EUGENIO JALHAY, jesuíta; JOAQUIM CAPELA, franciscano e DOMINGOS VIEIRA BAIÃO, do Espírito Santo, recolhidos pelo nosso colaborador CONSIGLIERI SÁ PEREIRA**

Para os lados da Lapa, trepa que trepa, baixa que baixa, cruza que cruza, gastámos, citadinos esquecidos da toponimia lisboeta, uma tarde inteira a descobrir a redacção, entre nós, da apreciada revista «Brotéria». Um botão eléctrico e alguns minutos de pausa, após a respectiva compressão.

Entretanto, contemplámos o Tejo, curtido de frio, sem ânimo, sequer, para se encapelar. Lá em baixo, é claro, a nossos pés, como cachorro bem contido. E vinha-nos à memória a madrugada de 23 de Agosto de 1635, em que Lope de Vega, em Madrid, compunha, êle, o antigo combatente da «Invencible Armada», os seus últimos versos. Horas depois, a morte... Tinha 72 anos e êsse soneto dedicou-o a Lisboa a «Fenix de los Ingenios»; ou, na expressão mais conhecida de Cervantes, «el monstruo de la Naturaleza»:

*Lisboa por el griego edificada*
*Ya de ser Fénix inmortal presuma,*
*pues debe más a tu divina pluma*
*Docto Gabriel, que a su famosa espada.*

*Voraz el tiempo con la diestra airada*
*No hay imperio mortal que no consuma;*
*Pero la vida de tu loca suma*
*Es alma ilustremente reservada.*

*Mas ¡ay! que cuanto más enriqueciste*
*La Patria que su artifice te llama*
*Por la segunda vida que le diste*

*Ciprés funesto tu laurel en rama*
*Si bien ganaste en lo que más perdiste*
*Pues cuando mueres tú, nace tu fama!...*

Reconfortados com esta evocação dos últimos versos de Lope de Vega e convencidos de que teríamos diante um solemne discípulo de Santo Inácio de Loyola, abre-se a porta e... deparámos com um rosto risonho, familiar como qualquer dos freqüentadores da «Brasileira». Nada de preciso recordavamos quando o apresentante se viu surpreendido, por sua vez, ao ouvir exclamar:

— Entrem, por Deus! Como passa, sr. Consiglieri Sá Pereira, desde há dezoito anos, quando conversavamos na «Corredera» de Tuy e lhe pediamos uma ou outra atenção, sempre lembradas, aliás, por mim, Eugénio Jalhay, pelo padre Gonçalves, e outros? Pois não se lembra?

— Claro que me lembro!... — retorqui.

E assim era. O simpático e culto padre jesuíta Eugénio Jalhay, agora superior da residência da Companhia de Jesus em Lisboa, no decorrer dêstes dezassete para dezoito anos, pouco mudou. É um arqueólogo competentíssimo, ao mesmo tempo que padre jesuíta dos mais dedicados. Filho de um engenheiro-arquitecto suíço, assim apelidado, que entre nós se fixou, falecendo a princípios dêste século, seu filho honra-o na inteligência, afável trato, dons de extrema cultura e acendrada devoção cristã.

### O cinema é o facto — doutrina Cristo em movimento — opina o padre Jalhay, da Companhia de Jesus

Após a rápida evocação da simpática cidade galega, que o Minho remançoso beija nas franjas auríferas das suas areias douradas, e satisfeitos de não haverem sido esquecidas as pequenas atenções que o serviço oficial permitia, explicámos ao sr. padre Jalhay o que ali nos levava. Pediu-nos êle alguns dias e lá voltamos, desta vez sem hesitações, por melhor inteirados do caminho. E o sábio jesuíta disse-nos:

— O Cinema pode ter, evidentemente, uma grande influência, na evangelização dos povos, e sobretudo dos povos de cultura atrazada. A fé dilata-se pela prègação — *fides ex auditu*, como diz S. Paulo. Mas, mais que pelo ouvido, pela prègação ou pelo livro, entram os ensinamentos pelos olhos. Já o dizia Horácio na sua *Ars poetica*:

*«Segnius irritant animos demissa per aurem*
*Quam quæ sub oculis subjecta fidelibus et quæ*
*Ipse sibi tradit spectator»,*

que poderíamos traduzir assim: «Menor é a impressão causada pelas coisas ouvidas, do que quando os olhos fielmente as contemplam, e o próprio espectador a si mesmo as representa».

Na prègação e no livro, narra-se o acontecimento ou esplana-se a doutrina. No cinema, o acontecimento desenrola-se diante dos olhos. Não é simplesmente uma narração, é o facto movimentado, é a ilusão da própria realidade. E para espíritos impressionáveis, como são de ordinário os dos selvagens a evangelizar, os factos arrastam mais que as palavras. Pode aplicar-se ao cinema o que se tem dito do teatro catequístico, muito em voga nalgumas missões.

— Outra pregunta... — acrescentámos.

— Volte por aqui outra vez... — concluiu, sorridente, o nosso interlocutor. E explicou-nos o rigoroso trabalho em que se encontravam. Pedimos-lhe, então, que agradecesse ao sr. padre Marinho, ilustre provincial, o favor que nos fizera e ao «Animatógrafo».

### Reencontro de um poeta, que é missionário franciscano

Pois naquela época recuada de 1924 a 1925, também conhecemos, em Tuy, um padre franciscano que se iniciara, pouco antes, com um livro de versos intitulado «Estrêla de Alva» e ansiava por missionar nos desertões ou sertões, da África portuguesa. Quis a nossa boa estrêla, que já começa a não ser de alva, facilitar o reencontro com o sincero e extasiado contemplador da Natureza, de cuja autoria são as singelas poesias daquele poemeto por nós cuidadosamente encadernado. É o padre Joaquim Capela, que recentemente estagiou nos Estados Unidos, a-fim-de melhor praticar a língua britânica nas suas variantes «yankees»:

— O Cinema, tal qual o livro — comentou — espalha o bem e o mal, o êrro e a verdade. As produções cinematográficas nem sempre obedecem a critérios de valorização humana. Muitas vezes têm por objectivo, apenas, o lucro material; e não se importam de atropelar a moral cristã para aliciar as tendências mórbidas das multidões...

— Mas não é justo condenar, por isso, todo o cinema...

— Claro. Ainda não há muito, Lisboa teve a oportunidade de ver e de aplaudir o admirável filme «Boys Town» (Homens de Amanhã). Nele se faz a mais lúcida apologética da obra do padre Flanagan, do seu maravilhoso apostolado entre os rapazes vadios. Em Hollywood, ao contrário do que muita gente pensa, há actores e atrizes católicos praticantes. Êles põem o seu talento ao serviço da sua Fé. Entre tais nomes, todo o mundo conhece e destaca os de Spencer Tracy, Pat O'Brien, Bing Crosby, Don Ameche, Irene Dunne e Loretta Young. Nos últimos anos, estes elementos têm produzido filmes que são aplaudidas mensagens católicas. Além do mencionado filme «Boys Town», em que Spencer Tracy representou o padre Flanagan, em todos os grandes centros foi muito aplaudido «The Fighting 69th», em que Pat O'Brien representa com a máxima reverência o padre Duffy.

— Nesse caso, a vida espiritual-católica de Hollywood...

— É muito movimentada. Qualquer católico europeu ficaria, certamente, estupefacto ao ver o grande número de «estrêlas» que assistem, todos os domingos, à missa d'Alva na igreja do Bom-Pastor, situada nas colinas de Beverly.

### O curioso depoimento do padre do Espírito Santo, irmão Domingos Vieira Baião

O missionário em Moxico e no Huambo, rev. padre Domingos Vieira Baião, não é, sòmente, um sacerdote católico que admite a colaboração do cinema na evangelização. É um admirador e um defensor da sua função activa. Assim nos explica os maravilhosos resultados obtidos por êle.

— É sobremodo maravilhosa a acção do cinema na exposição dos factos evangélicos e bíblicos entre os povos africanos. Como êles não alcançam compreender que seja possível movimentar ao natural essas cenas de supremo mistério, que tanto tempo levam a ser explicadas pela prègação... vêem nisso uma miraculosa maravilha! Quem disto dá testemunho foi o primeiro missionário que teve a ideia de utilizar o «Pathé-Baby», com luz própria de dínamo. Assim expôs a vida de Cristo aos indígenas de Angola.

— Durante muito tempo?...

— Uns dez anos. Quási tôdas as noites, o missionário fazia funcionar o maravilhoso aparelho. Desta maneira, nas viagens de escola para escola, de aldeia para aldeia, de tribu para tribu, de vila para vila, ao longo do Caminho de Ferro de Benguela, êle foi o melhor auxiliar da missão. A-pesar-de tantas exibições, o «cine» ainda agora funciona, embora bastante gasto.

— Porque não compraram mais?

— É que já não os fabricam com a vantagem de se adaptarem a dínamo próprio. Por isso serve, coitadinho nos lugares e povoações onde não há electricidade.

— Que preferem os negros?

— Os assuntos religiosos. No entanto, experimentámos filmes cómicos de «Charlot», mas os indígenas não os apreciam por os não compreenderem. Sòmente pedem e nunca se cansam de ver as cenas do Evangelho. A seguir, pedem-me explicações e o ensino ràpidamente se transforma em consciente catequese.

— Então, o iniciador foi o sr. padre Domingos Vieira Baião...

O respeitável missionário omitiu-se; e, minutos depois, prosseguiu, modesto e afável, a narrativa que visivelmente o entusiasmava:

— Os outros missionários do nosso distrito apostólico do Cubango, fizeram a encomenda de vários «Pathés». Mas, repito, actualmente só há dêsses aparelhos para tomadas eléctricas. Assim, ficam desprovidas aquelas zonas onde os filmes religiosos melhor poderiam auxiliar as missões. Utilisámo-nos, em tais ca-

sos, de lanternas mágicas iluminadas a acetilene; mas o efeito é menor. Só com a Vida de Cristo e o nosso «Pathé-Baby», efectivou-se a primeira evangelização do Moxico.

— Antes da vossa chegada, qual o estado espiritual daquela região?

— Estranha, por completo, à influência missionária Os Kiokos e os Luenas, seus habitantes, passavam por gente incapaz de se interessar na obra da fé. O próprio governador, sr. dr. António de Almeida, que teve a gentileza de me receber, hospedar e animar como primeiro arauto do Evangelho chegado a terras do Moxico, foi-me dizendo não valer a pena perder o tempo com aquela gente, tão desprovida a considerava de sentimentos e incapaz de compreensão. A-pesar-de tudo, logo nessa primeira noite que passei em Vila Luzo, o senhor governador franqueou o Parque do Palácio do Govêrno e, ao ar livre, aproveitando a escuridão, comecei a fazer funcionar o cinema, só para os criados do meu generoso hospedeiro e pessoas que a curiosidade atraísse.

— E o resultado?

— Triunfal! Nos dias seguintes, os indígenas de Vila Luzo estavam entusiasmados com a fama do meu cinema. O sr. governador continuou a pôr à minha disposição o Parque... e a freguesia era impossível de contar e de conter. Todos queriam ver!

— ?...

— O que viam, deixava a perder de vista quanto ouviam contar. Aproximavam-se do «ecran» e queriam, à viva fôrça, tocar-lhe as imagens. Depois, espreitavam pelo outro lado, suspeitosos de que ali estivessem escondidas. Concluiam, sempre, por convencer-se de que eram espíritos ou por artes dos espíritos que tudo aquilo aparecia. Os tormentos da Paixão comoviam, no seu atróz realismo, aqueles gentílicos seres e, a cada açoite que o Senhor levava, erguiam gemidos de comiseração, de dor, de sentimento, de pena. Foi êste o primeiro desmentido ao cepticismo do Governador. O mais bonito do caso, porém...

E riu-se, às gargalhadas o nosso benévolo interlocutor.

— Foi?... — interrogámos com redobrada curiosidade.

— Um pretalhão Kioko, com tôda a inocente ingenuïdade do seu gentilismo, no final do espectáculo, ao apreciar, com os seus, as barbaridades e flagicios sofridos por Nosso Senhor, comentou: — «Ora já viram?.. Entre tanta gente, não há nenhum preto. São todos brancos!» Não me foi possível deixar de murmurar ao ouvido do dr. António de Almeida: — «Ouça esta, sr. governador, e, agora, chame-lhes tolos!» A primeira autoridade do distrito sorriu-se e sempre encontrámos nele o melhor auxiliar do trabalho das missões.

E com estas palavras de justiça à autoridade de então, terminou o padre Domingos Vieira Baião o seu movimentado, curiosíssimo e inédito relato da campanha do Moxico e sua evangelização graças à colaboração de um «Pathé-Baby».

CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

# JEAN GABIN

## em Lisboa, a caminho de Hollywood



*Jean Gabin, visivelmente cansado da viagem, conversa com o nosso colaborador Fernando Fragoso*

Mais uma grande figura do cinema francês, a caminho de Hollywood! Jean Gabin, o mais popular, o mais querido, o mais bem pago dos astros de Além-Pirinéus segue a esteira dos seus compatriotas, artistas e cineastas, que procuram na Califórnia paz e trabalho. Vimo-lo, na passada quinta-feira, em Lisboa, entre contente e preocupado, prestes a deixar o Velho Mundo, pela América, Eldorado dos artistas europeus, no momento que passa. Vai contente, por que, nos tempos que vão correndo, um artista — ne demande pas mieux — mas está triste, ao mesmo tempo por ter deixado a França, sem que lhe fôsse possível abraçar os que lhe são queridos. Jean Gabin o soldado francês da *Grande Ilusão*, fez a última guerra também. O armistício surpreendeu-o na zona livre. A família ficou na região ocupada. Se não fôsse o Marechal Pétain tê-lo encorajado a partir — diz-nos êle — talvez não tivesse aceitado o contrato da Fox. Os dólares já não o deslumbram. A glória, também não! Chega-lhe e sobeja-lhe, a que conquistou em França. Trabalhar e esquecer — parecem ser as suas preocupações dominantes. E só a América lhe poderá satisfazer êsses legítimos anseios.

### As razões que o levam á América

Jean Gabin é uma surprêsa. Iamos a dizer: quási uma desilusão. Com efeito, quando o vimos no «hall» do Aviz, avançar para nós, alquebrado pela fatigante viagem através da Espanha e de Portugal, que se prolongou por sete dias; cabelo muito embranquecido, a desmentir os trinta e sete anos, mencionados no seu passaporte — quási não reconhecemos o galã prestigioso do cinema francês, o homem de antes-quebrar-que-torcer, de compleição atlética e impressionante presença, que os filmes nos têm revelado. No entanto, passado o primeiro instante de surprêsa, «encontramos» o Jean Gabin nosso conhecido, o legionário de *La Bandera*, o aventureiro de *Pépé-le-Moko*, o ferroviário de *A Fera Humana*—o herói de tantos filmes, que têm passado nas telas de Lisboa!

Jean Gabin diz-nos da sua satisfação por trabalhar em Hollywood. No momento actual, é quási impossível filmar em França! A tôdas as dificuldades, que são imensas e incontáveis, há que juntar a maior de tôdas, quási intransponível: não há película virgem! É certo que Lumière tem tentado, com êxito, a fabricação do filme. A qualidade melhora constantemente. Mas está longe ainda de permitir os bons resultados conseguidos outrora. Nice e Marselha são hoje os únicos estúdios à disposição dos cineastas franceses. Mas pode afirmar-se que serão precisos muitos meses, senão anos, primeiro que a voz de «on tourne» torne a soar, nos casarões silenciosos e adormecidos. Os artistas, os técnicos e os realizadores, que se encontram em Nice, buscam em vão a solução do problema cinematográfico, que é afinal o seu problema.

São estas e outras realidades, que o levam à América. Gabin fala-nos com entusiasmo do contrato que assinou com a 20th Century-Fox, e que lhe dá direito a pronunciar-se sôbre o argumento e sôbre o realizador que lhe couber em sorte, ambos sujeitos ao seu prévio acôrdo. É preciso, na realidade, que a América tenha muito interêsse em conquistar Jean Gabin, para lhe propor condições desta ordem, de que raras vedetas, em Hollywood, têm o privilégio. Além, disso, pelo seu contrato, o famoso galã trabalhará, alternadamente, na América e na sua Pátria. Em Novembro, estará de volta, para actuar num filme francês, se as circunstâncias o permitirem.

Sabemos que Jean Renoir, que o dirigiu na *Grande Ilusão* e na *Fera Humana*, se encontra também sob a bandeira da Fox. Interrogámo-lo sôbre se irão trabalhar juntos. Jean Gabin ignora quais os projectos americanos a seus respeito. É prematuro, tudo o que se disser sôbre o assunto!

### O problema da censura
### Os seus filmes

Falámos dos seus filmes. Jean Gabin, que se afirmou, no palco, como um actor de comédia e de «vaudeville», prefere, no cinema, o género dramático. Interessam-lhe sobretudo os conflitos humanos, violentos, tempestuosos. Gosta de interpretar filmes de ambiente, «que lhe dêem que fazer». Quando lhe preguntámos qual é o favorito, Jean Gabin hesita!

— *A Fera Humana?*

— ...Não!...

— *Pépé-le-Moko?...*

— ...Também não!

— *Quai des Brumes?*

— ...Talvez!...

*(Conclui na página 18)*

No dia **3** de Março
a **FOX-FILMES L.DA** apresenta no **TIVOLI**
o seu **3.°** GRANDE FILME DE 1941!

# OS FILHOS DE DEUS

**(Brigham Young)**

Depois dum filme musical assombroso,
«Sinfonia dos Trópicos»
Depois dum filme de aventura sem par,
«O Sinal do Zorro»
**FOX-FILMES** apresenta

## UMA EPOPEIA TOTAL!





# OS FILHOS DE DEUS

**é uma super-realização extraordinária**

pelo seu assunto: inspirado numa novela célebre do famoso escritor americano LOUIS BROMFIELD que nos conta UM EPISÓDIO DA VIDA DOS MORMONS, uma seita que apareceu na confusão dos primeiros tempos da fundação da América;

pela sua realização: do grande cineasta HENRY HATHAWAY, inolvidável autor de «Os lanceiros da Índia»;

e

pela sua interpretação: confiada aos grandes artistas: TYRONE POWER, DEAN JAGGER, Mary Astor, John Carradine, Vicent Price, etc.



# OS FILHOS DE DEUS

**é uma verdadeira SUPER-PRODUÇÃO** que se impõe pela novidade grandiosa do assunto e pelo seu célebre «clou» de clamor universal:

Uma praga monstruosa de gafanhotos devorada por milhões e milhões de gaivotas!

**Vai ser a 3.ª Grande Apoteose da FOX-FILMES, L.DA em 1941!**



MELVYN DOUGLAS

O galã de «Ninotchka» (M. G. M.), «Bigamia» e «He Stayed for Breakfast» (Aliança)





RUTH HUSSEY

A «leading-lady» de Spencer Tracy em «Passagem do Noroeste», da M. G. M.


OS GRANDES
MOMENTOS
DA VIDA





Seguido por um punhado de voluntários destemidos e valentes como êle, **o bravo Major Robert Rogers atravessou A PASSAGEM DE NOROESTE,** para dar combate a um inimigo que o próprio exército temia defrontar!



NISTO CONSISTE O GIGANTESCO PAPEL DO ACTOR SUBLIME

# SPENCER TRACY

EM



# «A PASSAGEM DE NOROESTE»

Asssombrosa realização de **KING VIDOR** fotografada em côres prodigiosas pelo sistema «TECHNICOLOR», com ROBERT YOUNG, WALTER BRENNAN, RUTH HUSSEY e centenas de outros artistas.

**UMA PRODUÇÃO EXCEPCIONAL DA Metro-*Goldwyn*-Mayer**

# NOTICIAS DE HOLLYWOOD

## CHARLES BOYER será o novo parceiro de DEANNA DURBIN

Uma notícia de verdadeira sensação é a que acaba de ser tornada pública pela Universal na que pela primeira vez um filme vai reünir ao seu elenco duas das mais queridas e populares vedetas da tela: Charles Boyer e Deanna Durbin!

O filme, que é extraído duma conhecida peça americana, intitula-se *Ready for Romance*, e será dirigido, como habitualmente tem sucedido com os filmes de Deanna Durbin, por Henry Koster, e é produzido por Joe Pasternack.

A realização daquele filme será iniciada logo que Deanna Durbin tenha terminado «Love at Last», o novo título de «Nice Girl», em que aparecem também Franchot Tone, Walter Brenan, Robert Stack, o galã de «Primeiro Amor de Gata Borralheira», Robert Benchley, Helen Broderick e a jovem Ann Gilles.

Charles Boyer está também a concluir para a Universal, que «Filmes Alcântara» representa entre nós, «Back Street», que Robert Stevenson dirige e em que tem por «partenaires» Margaret Sullavan, Richard Carlson, Frank Mac Hugh e Frank Jenks.

## SHIRLEY TEMPLE entrou na M. G. M.

Shirley Temple volta ao Cinema!

Desmentindo todos os boatos que corriam desde que abandonou a Fox — companhia onde tantos êxitos alcançou, e a quem tanto dinheiro fez ganhar com os seus filmes — em que se afirmava que Shirley não mais voltaria a pisar um studio, chega-nos a notícia do seu novo contrato com a Metro Goldwyn Mayer.

Êsse contrato atendendo à política de estreita economia que rege hoje as casas produtoras americanas, pode-se considerar verdadeiramente invejável. Segundo êle, Shirley receberá dois mil e quinhentos dólares por semana, e sua mãe mil dólares em igual período, garantindo-lhe aquela emprêsa um mínimo de quarenta semanas, durante os quais a intérprete adorável do «Pássaro Azul» fará dois filmes.

O primeiro filme da emprêsa do Leão em que aparecerá é *Lady Be Good*, de cujo «cast» também fazem parte a grande bailarina que é Eleanor Powell, Tony Martin e Ann Sothern.

«Panama Hattie», uma peça musical de grande êxito actual na Broadway, da autoria de B. G. da Sylva deve ser o segundo filme de Shirley, em que aparecerá também Ann Sothern.

## A PARAMOUNT termina «UMA NOITE EM LISBOA»

Prosseguem afanosamente, nos estúdios da Paramount em Hollyood, os trabalhos de realização do filme «*One Night in Lisbon*», de que o nosso jornal deu há algumas semanas pormenores sensacionais.

Que se trata de um dos mais categorizados filmes da Paramount para esta época não resta a menor dúvida, depois de se saber a qualidade e a importância do material enviado para a delegação daquela companhia em Lisboa, de forma, a com grande precisão e cuidado, serem feitas as cenas que, se passam em Lisboa e que é impossível reconstituir na Califórnia. E também o nome dos seus intérpretes e elementos técnicos.

Ao lado de Madeleine Carroll e Fred Mac Murray, aparecerão a extraordinária actriz do teatro inglês, Dame May Whitty, o actor John Loder, a belíssima Patricia Morison, Akim Tamiroff, notável actor de composição, e a incomparável Billie Burke, que os filmes da Metro Goldwyn Mayer popularizaram.

O argumento de «Uma Noite em Lisboa» é extraído de «There's Always Juliet» de John Van Druten e Bert Gleunon, competentíssimo fotógrafo, é o operador. O produtor Edward H. Griffith assume êle próprio a realização do filme.

## LUBITSCH dirige Merle Oberon e Melvyn Douglas

Depois de «Ninotchka», e de «A Loja da Esquina», de Metro Goldwyn Mayer, que vamos ver ainda esta época, Ernest Lubitsch que deixou aquela emprêsa para, de sociedade com Sol Lesser, se tornar produtor independente, está realizando um novo filme que a United Artists distribuirá e que tem por título *That Uncertain Feeling*. É extraído dum argumento original, da autoria do consagrado escritor americano Donald Odgen Stewart, e interpretado por Merle Oberon, Melvyn Douglas, que dirigiu já em «Ninotchka, Burgess Meredith, Olive Blateney, Fritz Feld, Eve Arden, Harry Davenport — o espantoso juiz de «Não o levarão contigo», e «Sorte Grande, — e Sig Ruman, que foi um dos três impagáveis enviados russos de Ninotchka», George Barnes, consagrado fotógrafo, é o operador do filme.



## Os actores e as actrizes mais populares na América

Com a entrada do novo ano, os grandes concursos, os «referenda» categorizados vão tornando públicos os seus resultados. No número passado fizemos referência ao resultado do inquérito do Film Daily sôbre os melhores filmes. Hoje publicamos os resultados dum outro importantíssimo referendum — o do grande semanário corporativo Box Office, que há 15 anos mantem êsse inquérito em que são indicados os artistas mais populares. A êle respondem os redactores cinematográficos dos diários americanos, os exibidores independentes e o Conselho Nacional do Cinema, de que fazem parte os directores dos jornais de Cinema, várias personalidades em evidência nos campos educativo, religioso e social, poderosas organizações como a Federação Geral dos Clubes Femininas, a Federação Internacional dos Alunos Católicos, etc.

Eis os nomes dos actores, das actrizes, e dos cow-boys mais populares: 1.°, Clark Gable; 2.°, Spencer Tracy; 3.°, Mickey Rooney; 4.°, Bing Crosby; 5.°, Gary Cooper; 6.°, James Stewart; 7.°, Errol Flynn; 8.°, James Cagney; 9.°, Wallace Beery; 10.°, Cary Grant; 11.°, Tyrone Power e 12.° Henry Fonda.

Das actrizes a 1.ª é Bette Davis, a 2.ª Judy Garland; 3.ª Myrna Loy; 4.ª, Claudette Colbert; 5.ª, Deanna Durbin; 6.ª, Alice Faye; 7.ª, Vivien Leigh; 8.ª, Jean Arthur; 9.ª, Ginger Rogers; 10.ª, Loretta Young; 11.ª, Rosalind Russell e 12.ª Jeanette Mac Donald.

Os doze primeiros lugares para os intérpretes dos «westerns» são assim distribuídos: 1.°, Gene Autry; 2.° John Wayne; 3.°, William Boyd; 4.°, George O'Brien; 5.°, Roy Rogers; 6.°, Buck Jones; 7.°, Smiley Burnette; 8.°, Charles Starrett; 9.°, John Mac Brown; 10.°, Tim Holt; 11.°, Tex Rilter e 12.°, Ken Maynard.

## O novo filme da CRAWFORD

A carreira cinematográfica de Joan Crawford é, sem dúvida, uma das mais longas que o cinema conta, podendo-se perfeitamente pôr ao lado das de Greta Garbo e Norma Shearer, as três autênticas «veteranas» dos estúdios americanos.

Joan Crawford, que depois da realização de «Boom Town» o seu último filme, que interpretou ao lado de Clark Gable e que em Portugal se intitula «Os Fugitivos de Guiana», esteve cêrca de seis meses em gôzo de férias em Nova York, voltou agora a Hollywood, chamada pela Metro Goldwyn Mayer, para se dar início à realização do seu novo filme que se intitula *A Busman's Holiday*.

## FITAS NA FORJA

● *THE ROAD TO RIO, com Alice Faye, Don Ameche, Carmen Miranda, J. Carroll Naish, Soke Sakall, Curt Bois, Frank Puglia, Lilian Porter e a orquestra de Carmen Miranda. Realização de Irving Cummings, fotografia de Leon Shawroy e Ray Rennahan, em Technicolor. Fox.*

● *LOVE WOLF TAKER A CHANCE, com Warren William, Henry Willcoxon, June Storey, Eric Blose, Walter Kingsford e Thurston Hall. Dirigida por Sidney Galkow, com fotografia de John Stumar. Columbia. (Aliança Filmes).*

● *THE TRIAL OF MARY DUGAN, com Loraine Day, Robert Young, Marsha Hunt, Tom Conway, Virginia Grey, Sara Haden e Anne Q. Nilson. Realização de Norman Z. Mc. Leod. Fotografia de George Folsey. Metro Goldwyn Mayer.*

● *THEY MET IN ARGENTINA, com Jimmy Ellison, Maureen O'Hara, Alberto Vila, Buddy Ebsen, Joseph Buloff, Robert Barrat e Drosa Costello. Realizada por Leslie Goodwins e Jack Hively. Fotografia de Roy Hunt. Rko-Rádio-Filmes.*

● *THE LADY FROM CHEYENNE, com Loretta Young, Robert Preston, Gladys George, Edward Arnold, Jessie Ralph e Marion Martin. Direcção de Frank Lloyd. Fotografia de Milton Krasner. Universal. (Filmes Alcântara).*

● *WINGED VICTORIA, com Geraldine Fitz Gerald, James Stephenson, Barbara O'Neill, Donald Crisp e Montagu Love. Realizada por Irving Rapper. Fotografia de James Wong Howe. Warner Bros. (S. I. F.).*

# A FEIRA DAS FITAS

## QUADRO DE HONRA

«A DANÇA DOS SEXOS» (Sonoro-Filme)
— Os «gags» de tôda a fita, muito em especial o da destruição do aparelho de telefonia.
— A interpretação de DONALD MEEK, JOHN HUBBARD, ADOLPHE MENJOU, WILLIAM GARGAN e CAROLE LANDIS.
— A encenação de HAL ROACH, pela simplicidade de processos que emprega com seguros efeitos.

«BLONDIE EDUCA O FILHO» (Aliança Filmes)
— O pequeno BABY DUMPLING.
— Os melhores «gags» do filme, especialmente o do «cão de faiança» e o do «sôco por dez dolares».

«O ESTRANHO CASO DUM MÉDICO» (Aliança Filmes)
— A simplicidade, por vezes eloqüente, da encenação.
— O interessante documentário do argumento.

## "A DANÇA DOS SEXOS"

*(Turnabout)*

Hal Roach produtor e realizador especializado em comédias farças foi o produtor e realizador de «A Dança dos Sexos». O argumento desta fita foi, por sua vez, escrito por Thorne Smith um homem que se celebrizou pela originalidade dos temas das suas comédias e pelo espírito satírico que sabe emprestar às melhores cenas dos temas que trata.

Hal Roach saíu-se muito bem valorização com uma cuidada encenação uma história rica de situações e recheada de bons «gags», servida pela primorosa interpretação dum magnífico conjunto de comediantes.

«A Dança dos Sexos» havia levantado à sua volta uma grande espectativa. Forjavam-se as mais diversas suposições sôbre o que mais se tinha anunciado pela publicidade: a troca de sexos de marido e mulher, castigo que feria um casal sempre descontente das suas obrigações e invejando as vidas respectivas.

Sem dúvida o tema era perigoso e seria, provàvelmente difícil manter tôda uma fita com tal base que, apesar de parecer rica, apresentava mais espinhos do que oportunidades. Hal Roach e os seus colaboradores souberam ver isto inteligentemente e trataram de criar uma rica comédia em que o incidente da «dança dos sexos» é, afinal, apenas um episódio. A primeira parte da fita em que a troca de lugares não aparece é de grande categoria. Para o seu valor contribuem grandemente as interpretações de Adolphe Menjou que continua num grande actor, Tim Willows (parecidíssimo com Ray Miland) boa revelação de galã cómico, William Gargan e Donald Meek que interpreta um criado na sua cómica e conhecida maneira.

Quando o deus Ram faz as substituïções, que ambos os esposos desejam, a comédia passa a viver mais do espanto das pessoas que normalmente vivem com os transformados do que das atitudes dêstes e isso é um pormenor de muito bom gôsto que convem assinalar. Em tôda esta parte é também notável a perfeição da dobragem das vozes dos dois esposos.

Quási no fim, quando tudo está prestes a esclarecer-se, assistimos apenas em dois ou três planos, ao momento cómico, ao «gag» mais feliz e mais perfeitamente encenado e interpretado de tôda a fita: a destruïção do aparelho de T. S. F. que continua teimosamente a tocar até lhe partirem tôdas as lâmpadas.

Aliás tôda a fita está recheada de bons «gags» e disso principalmente vive mais do que da troca de sexos, que é apenas pretexto de tôda a história, dado e defendido com muita descrição. — F. O.

## "BLONDIE EDUCA O FILHO"

*(Blondie bings up baby)*

A simpática família Blondie voltou a aparecer na nossa capital. Foi com muito gôsto que a encontrámos de novo, pois nem demos pelo tempo que passamos com ela. O casal Blumstead continua, a parecer muito mais pateta do que é na realidade; o seu ilustre rebento — «coeficiente de inteligência de 42 graus» — está cada vez mais engraçado, apesar da sua peculiar sensaboria (a afirmação parecerá paradoxal apenas a quem não o conhece); e «Daisy», o rafeiro familiar, mantem a sua posição de personagem importante, pois se lhe devem alguns dos momentos mais reinadios do filme. Pode orgulhar-se de provocar uma generalíssima gargalhada quando se lembra de fingir de «cão de faiança»! Outros «gags» do filme surtem também completamente, com idêntico efeito hilariante de alto a baixo do salão, especialmente o «sôco por dez dólares».

Mas Frank R. Strayer, o realizador, não teve bons resultados apenas nos momentos cómicos. Há pelo menos duas cenas, das que poderemos classificar de «sentimentais», que merecem destaque, pela sua sobriedade discretamente eloqüente: a que mostra a comoção dos pais quando o filho fica na escola, e a da cura da entrevadinha no final — que o *«Adeste Fideles»*, de que se crê ser autor o Senhor D. João IV, o Restaurador, sublinha com propriedade e manifesta vantagem.

Pena é que a Columbia entenda dever atirar a Família Blondie para os domínios da farça. Temos a certeza que os seus quatro membros — marido, mulher, filho e cão — impressionariam mais o público, se o argumentista e o realizador dos seus filmes os tomassem mais a sério. — D. M.

## "O ESTRANHO CASO DUM MÉDICO"

*(The Strange Case of Doctor Meade)*

«O Estranho caso dum médico» não é um grande filme, nem aspirou nunca a tanto. Mas é uma película correcta, com passagens francamente bem compostas, que desempenha duma forma perfeitamente honesta a sua missão.

A novela mostra que não é só em Portugal, mas também nos países hiper-civilizados, que ainda existem populações fiéis a curandeiros e ignorantes das mais simples noções da higiene e da terapêutica. Lewis D. Collins, que dirigiu o filme, conseguiu prender, de ponta a ponta, o interêsse do espectador — resultado que reputamos absolutamente meritório por duas razões: em primeiro lugar porque encenou todo o filme com uma nítida despreocupação de «composição» (há aspectos que quási tem o sabor de documentário); e em segundo lugar, porque nunca o mais leve acompanhamento musical apoia o desenrolar da acção.

Jack Holt, com o prognatismo e a correcção proverbiais, interpreta o protagonista da história. A seu lado apareceu o filho de Noah Beery, Baverly Roberts (uma loira sem personalidade), e um grupo de actores secundários cheios de boa vontade e convicção. — D. M.

## Titulos ilustrados



*Não, não, Nanette*



*Os Marx no Far West*



*Hércules Moderno*

# VIDA CORPORATIVA

## A ASSEMBLEIA GERAL

### do S. N. dos Profissionais de Cinema

Confome determina o § 1.° do art. 17.° dos seus Estatutos, reüniu no domingo, 16 do corrente, a Assembleia Geral Ordinária do Sindicato Nacional dos Profissionais de Cinema, para apresentação das contas da última gerência e eleição dos corpos gerentes para 1941.

Entre os que compareceram pessoalmente e os que se fizeram representar inscreveram-se 334 sócios, ou seja mais dum quarto da população sindical, que conta hoje 1.200 associados.

Presidiu o sr. Fernando Borges da Cruz, secretariado pelos srs. Henrique Bernardo Loureiro e Fernando Silva, tendo comparecido quatro membros da direcção cessante, srs. António Lopes Ribeiro, Adolfo Conde da Silva, Augusto da Silva Cunha e Américo Alves Vieira, e o representante da delegação no Norte, sr. Carlos Rosas Moreira da Silva. O vogal ausente, sr. Abel de Aquino, justificou a sua ausência.

O presidente da direcção, sr. António Lopes Ribeiro, leu um relatório em que, agradecendo a confiança com que a Assembleia Geral o honrava de há três anos para cá, reelegendo-o três vezes, a última das quais por aclamação, fez uma clara comparação do estado em que êle e os seus colegas haviam encontrado o Sindicato em 1937, quando eleitos pela primeira vez, — sem sócios, sem disciplina, sem prestígio, sem sede, sem serviços e sem dinheiro, — e o seu estado actual: 1.250 sócios, 300 contribuintes (ou sejam 95 por cento de todos os profissionais de cinema existentes), Carteira Profissional criada e distribuída, classe organizada por categorias, prestígio junto dos Grémios Patronais e dos Organismos Superiores, sede própria em Lisboa e no Pôrto, com móveis e utensílios do valor inicial de 70.000$00, serviços organizados (3 empregados em Lisboa e 1 no Pôrto), e receitas aumentadas na seguinte proporção: 395$00 em Abril de 1937, cêrca de 9.000$00 em Dezembro de 1939.

Referiu-se largamente à recente inauguração do curso Profissional de Projeccionistas, e pediu licença ao Presidente da Mesa para abrir um debate sôbre alguns pontos que haviam suscitado dúvidas. Alguns dos presentes fizeram preguntas sôbre o funcionamento e a finalidade dêsses cursos, preguntas a que o Presidente da Direcção respondeu, elucidando notòriamente o seguinte:

1.° — Que o Curso, embora reconhecido oficialmente e inaugurado na presença do sr. dr. Medeiros Galvão que representava, por despacho especial, S. Ex.ª o Sub-Secretário de Estado das Corporações e Previdência deve considerar-se numa fase experimental.

2.° — Que está sendo estudado pela Direcção, conjuntamente com a Delegação no Norte e a Comissão Técnica, o Regulamento dêsse curso, Regulamento que será submetido oportunamente à aprovação da Assembleia Geral.

3.° — Que até à aprovação dêsse Regulamento não serão cobradas quaisquer quantias a título de matrícula, competindo à Assembleia Geral determinar as circunstâncias em que êsse curso será pago ou gratuito.

Prosseguindo na apresentação do seu relatório, o Presidente da Direcção referiu-se àquilo que considera muito justamente a aspiração máxima dos profissionais de Cinema: o contrato colectivo de trabalho. Lembrou que, desde Março de 1939, estão entregues no Instituto Nacional do Trabalho, aos Serviços de Acção Social, os projectos dos contratos colectivos da Exibição e da Distribuïção, para que seja dado o indispensável parecer, e lamentou que, apesar de tôdas as suas diligências pessoais, êle ainda não tenha sido dado. Declarou que não desistira, no entanto, pois não tinha por hábito desistir das coisas em que se metia. E pediu, para êsse efeito, à Assembleia Geral, um voto de confiança.

Com a devida autorização do Presidente da Mesa, propôs que só interviessem nessa votação os sócios presentes na sala, não contando portanto as representações.

Feita a votação por sentados e levantados, o voto de confiança ao Presidente da Direcção para efeitos de celebração na melhor oportunidade do Contrato Colectivo de Trabalho foi aprovado por unanimidade.

O sr. António Lopes Ribeiro agradeceu e foi dada a palavra ao Director Tesoureiro, sr. Augusto da Silva Cunha, que leu um relatório esclarecedor dos mapas expostos na sala e em que se dava balanço às contas de 1939. Essas contas apresentam um saldo positivo de 34.477$05, e foram aprovadas por unanimidade, bem como a distribuïção do referido saldo.

Em seguida, o sr. Carlos Moreira da Silva leu o Relatório da Delegação no Norte, em que refere especialmente os seguintes factos: a inauguração da sede da Rua de Santo Ildefonso, a sessão no S. João Cine, o almôço de 200 profissionais em que se reüniram pela primeira vez patrões e empregados, o subsídio mensal a um consócio impossibilitado de trabalhar e o aumento conseguido para os porteiros e arrumadores dos cinemas do Pôrto, à excepção dos do cinema Rivoli.

Foram postas à votação várias propostas, com os seguintes resultados:

— Aprovado por aclamação um voto de agradecimento e louvor pela cooperação prestada ao Curso Profissional pelo Secretariado da Propaganda Nacional, Sociedade Portuguesa de Actualidades Cinematográficas L.ª (SPAC), Philips Portuguesa e pelos sócios srs. Gervásio dos Santos Júnior e Américo Alves Vieira.

— Aprovada por aclamação a nomeação para a Delegação no Norte dos srs. Emídio Alfredo Pimenta, José Figueirôa e Abel de Aquino, e dos srs. Manuel Vilas de Matos, Francisco Bazan e Joaquim Teixeira da Silva para a Comissão Técnica.

— Aprovada por unanimidade, com voto de agradecimento e louvor, a elevação a sócios beneméritos dos srs. dr. Francisco Pimentel Tôrres, António Barata e Plácido Pires, envolvendo nessa distinção o sócio sr. Arlindo de Macedo, o primeiro pelos relevantes serviços clínicos prestados no Pôrto, os restantes por regerem desinteressadamente e com a maior proficiência as aulas teóricas do Curso Profissional de Projeccionistas.

— Aprovado por unanimidade um voto de louvor aos examinadores de projeccionistas de Lisboa, do Norte e do Sul.

Como todos os presentes conheciam a lista proposta pela Direcção e manifestamente concordavam com a sua elaboração, foi enviada para a Mesa uma proposta sugerindo que a referida lista fôsse aprovada por aclamação, à semelhança do ano anterior. Todos os presentes aplaudiram, e a lista foi legalmente considerada aprovada pela Assembleia Geral.

A Gerência para 1941 ficou assim constituída:

ASSEMBLEIA GERAL — *Presidente:* Fernando Borges da Cruz; *1. secretário:* Henrique Bernardo Loureiro; *2. secretário:* Gervásio dos Santos Júnior; *Suplentes* — Fernando Silva e António Salazar Diniz.

DIRECÇÃO — António Lopes Ribeiro, Adolfo Conde da Silva, Augusto da Silva Cunha, Carlos Rosas Moreira da Silva e Américo Alves Vieira.

#### A primeira reünião da Direcção eleita

A Direcção reüniu pela primeira vez na última quarta-feira, tendo os cargos sido distribuídos como segue: António Lopes Ribeiro (Presidente), Conde da Silva (Secretário), Augusto Cunha (Tesoureiro), Carlos Moreira (Vogal, encarregado especialmente, de acôrdo com o art. 11.° dos Estatutos, das relações com a Delegação no Norte), Américo Alves Vieira (Vogal, engarregado especialmente das relações com os S. F. e com o Núcleo de Projeccionistas).

A Drecção ocupou-se além disso da colaboração do Sindicato no «Dia do Cinema» a favor das vítimas do Ciclone, a que «Animatógrafo se refere na pág. 3, e de assuntos que se prendem com o Contrato Colectivo de Trabalho.



# CARTAS DUM CINÉFILO

*Pérola dos directores*

*Li o último «Animatógrafo» com as lágrimas nos olhos. O cinema português é um facto e a produção prometida é consoladora.*

*Também eu estou disposto a fazer alguma coisa pelo cinema nacional e vou ver se faço um filme. Estou a escrever o argumento, que não mete saloios, nem qualquer outra espécie zoológica, que logo que esteja pronto lhe vou ler, para dar a sua opinião. Nesta minha fita também entra um cão que eu estou a ensinar a ladrar ao microfone. O meu filme é todo em interiores, pois passa-se todo em Portugal. Não é como o «Pôrto de Abrigo», que apresentava uma vista de Queluz de Baixo e chamava-lhe Algures na Europa.*

*Além do cão também na minha fita não entram actores e penso meter-lhe umas canções e o acompanhamento musical há-de ser do sr. Jaime Silva Filho todo. Como já lhe disse na minha fita não entram actores — nem os quero lá — mas vou convidar o sr. Patrício Álvares para um papel que êle fará com bastante jôgo histriónico. É o de um indivíduo, filho de boas famílias e que vai por mau caminho. E durante todo o filme êle comete más acções, de forma que depois tôda a gente diz ao sr. Patrício:*

*— «Olha que tu vais mal». «Deixa-te disso». Assim não te governas», etc.*

*Que tal? Acha que escolhi bem o intérprete?*

*Por hoje não lhe escrevo mais porque vou ao jornal pôr êste anúncio para a minha fita: «Alviçaras! Dão-se a quem arranjar um capitalista para um filme português».*

*Sem mais seu dedicado amigo até o cinema português durar.*

Ignácio da Purificação

*P. S. — Escrevi-lhe esta carta à pressa pois vou agora para Belém tomar parte nas filmagens da «Maria da Fonte», pois fui convidado pelo sr. Leitão de Barros para fazer um Revolucionário Civil daquele tempo. Já sei que o meu papel é muito violento, pois tôda a figuração leva cacetes, chuços, paus, etc.. Abriu-se finalmente, para mim, a porta do cinema português! Presta-se-me justiça e já não é sem tempo. Desta vez é que vou entrar, e com o pé direito. Oxalá que eu não fique entalado na porta, como aconteceu a alguns.*

I. DA P.

# O Correio de Bel-Tenebroso

**Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA**

OSWALDO SÁ. — Certos filmes americanos são «legendados» em Hollywood. As listas dos «títulos», traduzidas cá, e remetidas para os estúdios da Cinelândia, onde se faz a impressão das respectivas legendas. Isto acontece, sobretudo, com os filmes da Metro e da Paramount. A Fox, a Rádio e outras, em regra, imprimem as legendas em Portugal. Quanto às legendas de abertura, adoptam-se os mais variados processos e é impossível, nesta secção, estar a enumerar os diversos casos e a explicá-los pormenorizadamente.

OSLEC. — Compreendo perfeitamente o teu entusiasmo por *Monte dos Vendavais*. E regozijo-me com o entusiasmo que êle te despertou, pois é um índice muito lisongeiro da tua cultura cinematográfica. — Além de *O primeiro amor de Gata Borralheira*, deveremos ver, esta época, *It's a date*, com a graciosa Deanna Durbin.

I LOVE DEANNA DURBIN. — Podes escrever, em português, à Deanna para Universal Studios, Universal City, Califórnia. É conveniente enviar, juntamente com o pedido da foto, a quantia de 25 centimos, em selos do correio americano ou então em «coupons» internacionais. — Filmes de Deanna Durbin: *Todos os domingos*, *Três Raparigas Modernas*, *100 Homens e uma Rapariga*, *Doida por Música*, *A Idade das Ilusões*, *As Três Raparigas cresceram*, *O Primeiro amor de Gata Borralheira*, *Data Memorável*, *Spring Parade* e *Nice Girl*, o último ainda em produção.

RUDOLFO VALENTINO. — Carmen Miranda é portuguesa, mas consta, em Lisboa, que ela se naturalizou brasileira. No entanto, aqueles que a conheceram sabem que ela tinha pelo pai, recentemente falecido, uma veneração sem limites. E que êste lhe pedira sempre que não abdicasse da naturalidade portuguesa. — Pessoalmente, não considero Paul Muni, o maior artista do cinema. Prefiro, por exemplo, Spencer Tracy e o Mickey Rooney. Mas é uma opinião pessoal. Outros, preferem ao Muni, o Henry Fonda e o Leslie Howard. E terceiros, como tu, colocam-no acima de todos êstes astros que eu cito. É difícil estabelecer uma escala, numa pleiade brilhantíssima, onde há ainda vedetas como Clark Gable, Robert Donat, James Stewart, Charles Chaplin, Charles Laughton, etc., etc.

RAPAZ DE ALPIARÇA. — Em *Mulheres*, a meu ver, a melhor criação é a de Norma Shearer, seguida muito de perto por Rosalind Russel. A Crawford tem, neste filme, uma das suas actuações menos felizes. — Felicito-te pela excelente propaganda que tens desenvolvido nessa vila, a favor da nossa revista. Obrigado!

SR. GRILO E GEPPETTO. — Tenho muito prazer em responder-vos, nestas colunas. Infelizmente, não disponho de tempo para poder dar respostas pessoais. Deanna Durbin nasceu a 4 de Dezembro de 1922. Podes escrever em português a tôdas as vedetas americanas. Os resultados são precisamente os mesmos que obterias se lhes escrevesses em inglês.

UMA FLOR DE LEÇA DO BÁLIO. — Pede os números que te faltam para a Administração de «Animatógrafo». Podes enviar a importância do custo (3$00) em selos ou vale do correio. Agradeço os teus bons votos e espero que me escrevas de futuro, sem ser sôbre assuntos, como êste, de mero expediente. Combinado?

UM LOUCO SONHADOR. — Não te importes! Cumpre as minhas ordens: De futuro, tratar-nos-emos, por tu. — Margaret Hamilton é uma artista, feia como os trovões, que temos visto em papéis secundários em vários filmes. Veio do teatro e interpretou, entre outros: *Chatterbox*, *The Moon's our Home*, *The Witness Chair*, *Três corações iguais*, *Laughing at Trouble*, *When's Your Birthday*, *The good old Soak*, *Só vivemos uma vez* e *Mountain Justice*, a maioria, dos quais, como vês, não veio a Portugal. — Diz-me cá, que bicho te mordeu, para te interessares por semelhante artista? — Escreve em português à Norma Shearer e a tôdas as vedetas americanas.

PAMPALAZANAS. — Que pseudónimo tão estranho! — Temos publicado várias letras de canções de filmes. Continuaremos. — Muito gratos pelo interêsse que a nossa revista te merece.

J. M. R. — Espero que a separata do n.º 11 te tenha dado inteira satisfação. Que melhor foto da Lamour poderias desejar?

MARIA DOS CARACÓIS. — Fiquei muito satisfeito por «te teres decidido a escrever-me». — Suponho que tenhas sido das raras pessoas, para quem *Ninotchka* fôsse, até certo ponto, uma decepção. O filme não valia, apenas, como um meio de fazer rir. Mas olha que, mesmo assim, tinha graça, ou melhor «espírito», às carradas. Se êle te reconciliou com Greta Garbo, já é motivo para te felicitares por o ter visto. — Shirley completa 11 anos, no dia 23 de Abril; Robert Taylor, 30, a 5 de Agosto; Robert Montgomery, 37, a 21 de Maio; e Deanna Durbin, 19, a 4 de Dezembro. Entre *Feitiço do Império* e *Pão Nosso* não há termo de comparação. O primeiro é um bom filme. O segundo, em boa verdade, nem um filme se pode considerar. É uma série de lindas paisagens, ligadas (?) entre si por números folclóricos.

MICKEY ROONEY. — O tenor que cantava a serenata em *Uma Noite em Veneza*, não era o Tino Rossi. — Tens razão quando dizes que a critica cinematográfica dos jornais diários não tem a autoridade e a competência (salvo raras excepções) que seria de desejar. Temos que ter paciência, já que não há outro remédio, e ir lendo a crítica do *Animatógrafo*, se quisermos estar elucidados, convenientemente.

DOIDA POR MÚSICA. — As tuas duas preguntas são muito embaraçosas. No entanto vou ver se me informo, para te poder responder cabalmente. — Dizes-me que não gostastes de *Veneno (Orage)*. Tem graça que a Michèle Morgan me declarou, com grande surpresa minha, «que o odiava!» Não há dúvida de que ela deve o seu ol!n ela deve a sua carreira a êsse filme, se bem que só *Quai des Brumes* a tivesse imposto definitivamente.

BENJAMINA. — Zanga-se V. comigo, porque há cartas de leitores que escreveram ao mesmo tempo que V. e cujas respostas aparecem e, em compensação, as suas ficam no rol do esquecimento. A razão é esta *Benjamina*: a correspondência tem sido parcelada por exigência de paginação. Daí as lacunas que V. aponta. Tenha paciência e não se zangue comigo, pois já estou a ver o que escrevo coado pelas lágrimas que deformam as letras... — «As Lamours de tanga» (que falta de respeito) não andam nas palminhas dos «senhores do cinema», pelo seu talento, mas pela sua beleza. Esta tem direitos. Acho estranho que V. não consinta que homenageemos a mulher *tout-court*, olhando apenas ao talento da sua Beleza... — Quando achar um filme colorido co côr a mais (faces encarniçadas, etc., etc.) não se esqueça de ver em que cinema se exibe. Por exemplo: o Tivoli não está equipado com «alta-intensidade», luz *indispensável* para o filme colorido, porque a côr já vem graduada, na emulsã,o para êsse tipo de aparelhagem de projecção. A luz normal é amarela. Um filme colorido projectado por ela vê as suas côres adulteradas. A luz de alta intensidade é branca (não decompõe portanto as côres do filme) e tem uma luminosidade intensíssima (para lhes dar transparência e esbater os exagêros de coloração, que V. justamente notou).

TONY. — A seu tempo, *Animatógrafo* oferecerá no Pôrto, ua festa aos leitores da Cidade Invicta. Tenham confiança e esperem. O que *Animatógrafo* fez em dez números basta para atestar os cometimentos de que é capaz! Filmes de Charles Vidor, além de *My son, my son: A Doctor's Diary*, *Muss'em up*, *The Great Gamkini*, *She's no lady*, etc.

MÉLITA. — Numa das suas cartas mais recentes, queixava-se, e com razão, do seu nome ter aparecido gralhado, nestas colunas. Mas creia, que ninguém ficou mais penalizado do que eu. Só que mvive na Imprensa, pode avaliar a fôrça de certas «gralhas», que passam uma e duas vezes, pela malha d arevisão mais cuidadosa! — «Indiferença!» diz V. a certa altura. Duma vez para sempre: Todos os leitores me merecem ,por igual, a mesma consideração e interêsse. Não olhe as minhas respostas sob êsse prisma de cepticismo. Creio que terei que passar a medir, a poeirar tôdas as minhas palavras, e isso tiraria a espontaneidade e a sincera despretenção destas respostas. «Keep you sunny side up!» Olhe a vida pelo seu lado alegre, e verá como tudo lhe correrá melhor. — Folgo por que *Animatógrafo* lhe continue a agradar sem reservas. Creia que todos nós apreciamos imensamente as suas boas palavras de simpatia e de incentivo!

RITMO CINÉFILO. — O teu pseudónimo cine-musical presta-se para variadas conjecturas. qual será o verdadeiro ritmo-cinéfilo? Para uma «vamp deve ser o ritmo coleante, compassado e dolente do tango; para a Lamour, e a mYsica de Hawai estarão a carácter; para o cinema nacional, o «Timpanas» não me parecia descabido. E mais não digo, para não alongar a lista... — Acho bem que não tenhas a ambição de ser artista cinematográfico. É uma desilusão que poupas. — Transmitida a carta à simpática Maria da Graça.

UM APAIXONADO POR NORMA SHEARER. — Já deves ter lido a resposta à tua carta. E como, na presente, nada mais queres do que acusar a recepção da primeira, fica encerrada, por agora, nossa troca de impressões, com honra e proveito para ambas as partes. Aguardo, pois, nova arta tua.

Bel-Tenebroso

# A NOSSA CAMPANHA

*(Continuação da pág. 4)*

valos a meio do filme de fundo. Na «Festa dos Prémios», efectuada no Trindade António Lopes Ribeiro dá parte de que o seu hebdomadário ia declarar guerra aos «intervalos» e o público aplaudiu, por unanimidade e com entusiasmo, manifestando-se declaradamente contra aqueles intervalos. Animado por êstes resultados, «Animatógrafo» decidiu servir o cinema, o público e até os exibidores, mantendo os intervalos — dando até, possìvelmente, mais um, em cada espectáculo, respeitando assim interêsses legítimos como sejam os bufetes e a publicidade (mostruários, etc.), mas suprimindo aquele que divide o filme em duas metades.

Para se chegar a um resultado agradável a todos, torna-se necessário, primeiro, ouvir os exibidores. O público está connosco; resta conciliar os interêsses dos cinemas. Isso nos traz aqui. Qual a vossa resposta?

## O Tivoli concorda com a supressão dos intervalos a meio do filme de fundo

Lima Mayer, proprietário do Tivoli, recebe-nos com interêsse, embora um pouco assustado.

— Tenho muito que fazer. Isso vai levar muito tempo?

— Três minutos.

— Então, diga.

Expusemos ao que vinhamos. Lima Mayer sorriu inquieto.

— Diacho! leva mais de três minutos a responder...

— Mas vamos, em resumo...

Respondeu-nos logo, numa síntese admirável, textualmente:

— Acho preferível não cortar! o filme!

E abalou.

Antes de o ouvir, tinhamos conversado com o gerente do cinema, Amadeu Monteiro. E porque os seus pontos de vista são dignos de atenção, reproduzimo-lo aqui, com a devida vénia:

— Não discordo da supressão do intervalo a meio dos filmes de fundo. Muitos sofrem, de facto, com êsse corte, com essa mutilação. Mas devemos ter em conta outro caso. Para não dar intervalo, teremos de repetir a sessão. Ora, o público janta muito tarde. Muita gente chega ao Tivoli só por volta das 10. Se vamos para as sessões, arriscamo-nos a não ter ninguém na primeira. Além disso, para se projectar o filme sem interrupção, tornava-se preciso, talvez, dar ao espectador a regalia de poder fumar na sala. Mas para isso era necessário que todos os cinemas tivessem, como o nosso, o arejamento e a tiragem suficientes...

## O depoimento de Vicente Alcântara

O gerente do Odéon e do Palácio estava ao facto de tudo. Certamente já pensara maduramente no assunto, porque respondeu:

— Quere a minha opinião pessoal? Pois bem: sou contra o intervalo a meio dos filmes de fundo! Mas se vem ouvir-me como empresário, respondo: tenho duas casas onde apresento, quási sempre, programas duplos. Ora, os intervalos, para mim, são absolutamente necessários. Preciso dum a meio e doutro no fim dum filme grande, para que os espectáculos nos dois cinemas não sofram qualquer demora ou interrupção. Mas isto faz parte duma mecânica interna de que o público não chega a aperceber-se. Eu não posso projectar os dois filmes a seguir: tenho de meter intervalo cortando um dêles, e outro separando os dois!

Agora vejamos: os programas duplos são longos. Pensará alguém nos espectáculos de cinema por sessões, como se faz já fora? A que horas devo então começar e a que horas terei de acabar? E teria eu público para uma primeira sessão, quando êle só me aparece cêrca das 10 horas?

Mas aceitemos ainda a hipótese do espectáculo por sessões. É preciso pensar nos encargos que isso traria para o exibidor. Cada sessão seria contada como um espectáculo e cada espectáculo pagaria impôsto de sêlo. Teriamos um dôbro de despesa (e que já atinge, anualmente, algumas centenas de contos) mas ninguém garante que tivessemos a contrabalançar um acréscimo de público. O público não espera e, em boa verdade, nem sequer tem onde esperar. As nossas salas não possuem espaço para grandes «foyers» nem para grandes vestíbulos.

Cumpre também saber se o espectador que fuma está disposto a aturar, por obrigação, uma projecção contínua — quantas vezes de filmes bastante longos! — ou se acaba por ir para o corredor ou para a rua! Acabar com a proïbição de fumar não seria mau — todavia, haverá o direito de que um espectador, fumador impenitente, incomode outro que não fuma, que detesta o fumo, ou que é asmático?

Não sei. Neste caso dos intervalos, temos de considerar que, para os cinemas de primeira, qualquer alteração não prejudicará, mas para nós, para aqueles que trabalham com programas duplos, nada se pode fazer sem muito estudo e grande cautela.

## Interrogando o S. Luiz

João Ortigão Ramos, gerente do São Luiz, começou por dizer-nos com a afabilidade costumada:

— Já experimentei duas ou três vezes exibir filmes sem interrupção. Pois vários espectadores reclamaram! Pelo contrário, nunca tive qualquer reclamação pelo facto de haver intervalos...

— No entanto há muita gente que os detesta, e que veria com prazer desaparecer o segundo intervalo...

— Pois há — mas é uma minoria, segundo creio. E digo isto porque eu próprio tenho muitas vezes procurado saber qual a opinião do público a tal respeito, e sempre verifiquei que à maior parte das pessoas agrada o intervalo. Os homens, porque não podem fumar durante a exibição, e porque gostam de se encontrar e trocar dois dedos de cavaco. As senhoras por razões parecidas, senão idênticas...

— Mas porque não se há-de tentar acabar com a proïbição de fumar nas salas?

— Seria essencial para se poder pensar em pôr de parte o intervalo a meio dos filmes — intervalo, que de-facto, prejudica quási tôdas as fitas. Mas devo dizer-lhe que, por outro lado, essa proïbição tem uma grande vantagem: tècnicamente, a projecção ganha imensa com ela.

— Considera portanto impossível acabar com o intervalo?

— Impossível, não — embora julgue que para o conseguir seria necessário obter a prévia alteração de outros hábitos já consagrados. Mas duvido que o público — o chamado «grande público» — o deseje. Devo dizer-lhe: não acredito que o público esteja disposto a perder o costume em que está. E quando digo isto não me refiro apenas ao intervalo, mas a todo o condicionalismo da exploração cinematográfica em Portugal — única em todo o Mundo. Pràticamente, nós damos apenas uma sessão por dia, e para compensar essa exploração reduzida temos de lançar mão doutras receitas, que só são possíveis com o intervalo. Portanto, não bastaria acabar com o intervalo — seria preciso ir até às sessões contínuas. Mas habituar-se-ia o nosso público a tal sistema?

## «Já estamos dentro da directriz a seguir» — diz-nos o dr. Guilherme Viana

No Olimpia Cinema. Da tela sobe até nós um clamor épico. Tropeada de corcéis. Projecta-se um filme de séries.

O dr. Guilherme Viana ouve a nossa exposição e responde com um sorriso que traduz a satisfação do dever cumprido:

— Mas nós já estamos dentro do que pretendem! já estamos dentro da directriz ambicionada!

No Olimpia, o critério é uno: quando se trata de programas duplos, cada filme é projectado sem interrupção, com intervalo a separá-los um do outro, e ninguém se enfada, ninguém acha longo nem se fatiga! Nos filmes de séries, em que o espectador vai suportar uma média de trinta bolinas, pomos intervalos a separar as jornadas.

Duma maneira geral, direi: o intervalo não faz falta — mas convém que não prejudique o serviço de bufete e mostruários.

*(Continua no próximo número)*



# JEAN GABIN

*Continuação da página 11*

Os dois últimos filmes, que não vimos, trazem a terreiro um problema eterno: a censura.

Jean Gabin interessa-se extraordinàriamente pelo assunto:

—Tenho pensado muitas vezes que há que fazer qualquer coisa para evitar que êste ou aquele filme, que interpretámos, não passe, neste ou naquele país. O problema tem dois aspectos que se filiam ambos na limitação do mercado! Comercialmente, o filme é prejudicado, porque rende menos. Se fôr uma obra de Arte, como tantas vezes sucede, é lamentável que o público a não possa ver, embora compreenda e admita as razões que levam os censores a opôr-lhe o seu voto. Parece-me que não era difícil fazer um código internacional de têmas, assuntos e ambientes que o cinema não pudesse tratar, focar ou devassar...

Preguntamos-lhe o que há sôbre *Remorques*, a sua última película, cuja estreia chegou a estar anunciada!

— Infelizmente, *Remorques*, continua ainda nas caixas de fôlha. O filme está virtualmente pronto. Mas foi terminado à pressa, em péssimas circunstâncias, em plena guerra. O têma é admirável: a humanitária missão dos rebocadores de alto mar, em socorro dos navios que se encontram em perigo. Michèlle Morgan tem, num magnífico papel, ocasião de patentear as reais quali-







AINDA UM ÊXITO VAI EM
MEIO, E JÁ A DELICIOSA
**GINGER ROGERS**
SE PREPARA PARA
ENCANTAR DE NOVO
OS SEUS FIÉIS
ADMIRADORES



DESTA VEZ, GINGER SERÁ UMA «STANDARD GIRL»
EM **«KITTY, A RAPARIGA DO COLARINHO BRANCO»**
OUTRO TRIUNFO RKO-RÁDIO

Animatógrafo
DIRECTOR: ANTONIO LOPES RIBEIRO




CAROLE LOMBARD e FERNAND GRAVEY

vão deslumbrar Lisboa pela sua elegância e pelo seu talento, numa deliciosa comédia distribuida pela S. I. F. a firma que apresentou «AS AVENTURAS DE ROBIN DOS BOSQUES» e o último grande êxito «TOVARITCH»

"ESCÂNDALOS DE AMOR"